



CONFISSÕES DE UMA
ADOLESCENTE
GRÁVIDA

GRACIELA PACIÊNCIA

Copyright © 2016 by Graciela Paciência

Coordenação editorial

Graciela Paciência

Projeto gráfico, miolo e capa

Elis Nunes

Revisão de texto

Laís Calusni

Sara Gavério Herran

Assistentes de produção

Marcelo Mota e Silva

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos e não emitem opinião sobre elas.

Dados internacionais para catalogação

G731 Paciência, Graciela

Confissões de uma adolescente grávida – 1. ed. – São Paulo: Círculo das Artes, 2016. 120 pp.

ISBN 978-85-68782-08-8

I. Literatura infanto-juvenil. I. Título

CDD: 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

[2016]

CÍRCULO DAS ARTES

www.circulodasartes.com.br

contato@circulodasartes.com.br

facebook.com/circulodasartes

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Círculo das Artes Editora Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para os jovens, que precisam
de compreensão e de alguém que os ouça.*



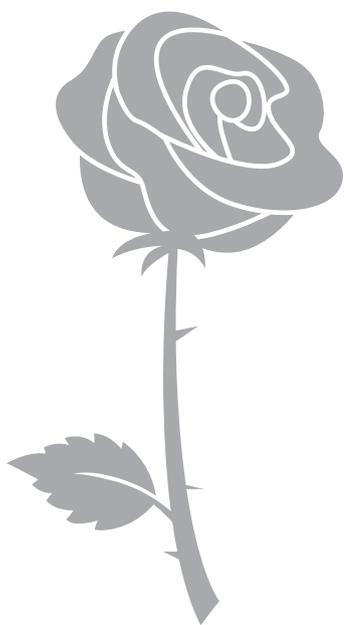
À Elis, pela fé.

Ao Edu, por todo o amor.

Às minhas irmãs, Renata e Nathália, pela convivência.

Aos meus pais, pela dedicação.

Aos meus professores, pela educação.



O destino é inexorável

Bernard Cornwell, AS CRÔNICAS SAXÔNICAS

Janeiro de 2011

O ano mal começou e eu já estou ciente de que este será o ano em que tudo vai mudar para mim, que nenhum outro será como este. 2011 não parece ser um número muito significativo. Não é um número cheio, não teremos eleições presidenciais aqui no Brasil ou nos Estados Unidos, não haverá Copa do Mundo de Futebol ou Olimpíadas, os Jogos Pan-Americanos vão acontecer no México, e vivemos num mundo onde um filme sobre a criação de uma rede social está “bombando”, e possivelmente receberá muitas indicações ao Oscar.

Acredito que muitas histórias melhores estejam esperando para serem contadas, muitos sobreviventes de guerra, pessoas que enfrentaram uma doença grave, ou passaram por uma experiência de grande risco de morte, mas sobreviveram para contar.

Não quero ser chata dizendo o que as pessoas deveriam consumir ou não, quero falar de mim e de como o meu mundo de agora já é diferente do que era há dois meses.

Eu me chamo Mirella. Tenho 16 anos (quase 17) e estou grávida. Ao contrário do que muitos podem imaginar, meus pais me deram uma educação exemplar, eu não engraidei de propósito para “segurar” o meu namorado (gente, isso funcionou algum dia?), não frequento bailes funk sem calcinha, e não passo dias e noites com meus pensamentos voltados unicamente para o meu namorado.

Eu tenho gosto variado em diversos campos (esporte, música, teatro, cinema, TV e até cultura inútil), sonhos e minha própria maneira de enxergar o mundo. Gosto de ouvir música quando estou chateada ou confusa, cantoras como Fiona Apple, Alanis Morissette e Sheryl Crow.

Acontece que, certo dia, a camisinha estourou. Simples assim. Isso pode acontecer com qualquer um, é verdade, mas o Fabrício (meu namorado) e eu acreditamos que o incidente não teria grandes consequências. Não somos ignorantes, apenas levamos em consideração o fato de que, para uma gravidez acontecer, é preciso um bocado de sorte. Um super-herói em formato de espermatozoide precisa entrar no óvulo atravessando sua membrana, levando 23 cromossomos que, isolados, combinam-se com os outros 23 cromossomos existentes no óvulo, e viram um complemento normal de 46 cromossomos, dispostos em 23 pares. Tudo isso no período fértil da mulher.

Quando ouvimos que uma adolescente está grávida, é comum ficarmos indignados perante tantos métodos anti-

concepcionais disponíveis. Acontece que... Tive a minha primeira relação sexual há pouco tempo. Mesmo já tendo sido apresentada ao ginecologista, achei que não era a hora de tomar pílulas, principalmente porque não sei se é verdade, mas ouvi muita gente dizer, que era difícil uma mulher que tomou pílulas por muito tempo engravidar quando decidiu-se. Eu fiz as contas: segundo meus planos, eu me tornaria mãe entre os 28 e 30 anos. Só de pensar no efeito que doze anos tomando pílula poderiam causar, eu desisti de começar a tomá-la. Sem contar que o Fabrício e eu não somos dois animais que transam a toda hora. Sinceramente, estamos juntos há quase um ano e transamos menos de dez vezes.

Isso também não é algo para assustar as pessoas, basta ser racional. Tenho 16 anos, era virgem quando começamos a namorar, não tenho como entrar em um motel e o processo de familiarização com a relação sexual é lento. Além disso, não começamos a transar na primeira semana de namoro.

Por tudo isso, é preciso relatar a visão errada que as pessoas têm de uma adolescente grávida. Meu bebê não é a consequência de uma vida desregrada e promíscua, mas de um... Descuido.

Também sei que existe a “pílula do dia seguinte” mas, sendo sincera mais uma vez, eu simplesmente pensei que não fosse acontecer, e não estava disposta a colocar para dentro de mim aquele monte de hormônios. Ouvi dizer que o uso frequente desse método contraceptivo pode causar in-

fertilidade ou gravidez nas trompas, ou seja, as consequências seriam terríveis. Depois que eu comuniquei a gravidez minha irmã mais velha, a Júlia, me explicou que a pílula não causa infertilidade, apenas altera o ritmo hormonal da mulher. E que a gravidez nas trompas pode ocorrer, mas é bastante rara, ou seja, se eu tivesse tomado somente nessa emergência, o risco de uma consequência maior seria mínimo. A própria Júlia tomou uma vez e não teve problemas.

Então é assim, pouco depois do Natal eu descobri a gravidez, atualmente estou com quatro semanas de gestação. Fabrício ficou surpreso, claro, mas ficou contente também. Contento porque ele sempre teve vontade de ser pai e gostaria de ter passado mais tempo com o dele, que morreu quando ele tinha 7 anos; câncer no estômago. Ele tem um padrazinho, o Matheus, que o adora, mas ninguém substituiria seu pai.

Porém, assim como eu, ele sabia que não era a hora.

Não vamos nos casar. Não agora. Estamos apaixonados, mas ainda somos muito novos. Eu odiaria pensar que estamos juntos somente para criar nosso filho, e quero manter a nossa relação apenas enquanto estivermos interessados um no outro. A minha prioridade é que ele assuma o nosso filho, e ele já fez isso. Tenho certeza de que será um bom pai e estou contente de ter escolhido alguém responsável para essa tarefa.

O Fabrício é jovem também, está prestes a completar 18 anos e vai começar o primeiro ano de faculdade. No en-

tanto, a pouca idade não é sinônimo, ou desculpa, para falta de planejamento para o futuro. Toda a sua carreira como engenheiro civil está planejada, e eu boto fé de que ele vai alcançar tudo o que deseja.

* * *

Hoje eu tive um momento muito especial com o Fabrício. Nós jogamos videogame na casa dele durante boa parte do dia e depois ficamos apenas deitados, olhando para o teto e ouvindo música, enquanto ele passava a mão na minha barriga.

Fizemos planos e conversamos sobre os possíveis nomes para o nosso bebê. Se for menino, o nome será Júlio (escolhido por Fabrício) e se for menina, o nome será Raquel (escolhido por mim).

Percebi que são momentos como esse que fazem com que os casais que não planejaram uma gravidez percebam que todo o trabalho, toda a dor de cabeça e o estresse que virão são apenas uma parte insignificante de algo muito maior. Naquele momento, eu não achei que fosse a hora errada, e acredito que o Fabrício tenha a mesma opinião. Pelo contrário, já queria ter o nosso bebê nos braços.

Nosso filho já me faz ver o mundo de outra maneira, como um lugar muito melhor do que o mundo que eu conhecia antes de ele ser concebido.

* * *

Hoje eu passei por uma situação muito desconfortável.

Havia combinado de ir ao cinema com a Jéssica, que é minha amiga desde a primeira série. Ela foi a primeira pessoa para quem eu contei sobre a gravidez, porque sabia que ela ia me entender, e que jamais me julgaria.

A Jéssica é daquelas pessoas que acreditam na bondade do mundo, e que cada um tem um potencial a ser estimulado, acho que eu nunca a vi brava na vida, além de ser uma das pessoas mais inteligentes do meu círculo social. Ela tem uma beleza discreta, que disfarça mantendo os cabelos negros e encaracolados sempre presos em um rabo de cavalo. É tão branquinha que, às vezes, eu acho que ela não deve ser exposta ao sol, mesmo que por poucos minutos.

Cheguei a sua casa um pouco antes do combinado, e a Dona Christina foi quem me atendeu. Ela é mãe de Jéssica e sempre me tratou muito bem, mas ontem estava com uma expressão diferente quando apareceu no portão. Não me olhava mais com a mesma ternura de antes.

Quando eu perguntei pela Jéssica, ela não pensou duas vezes e disse:

– Vou ser bem clara, Mirella: não vejo sentido em você procurar a Jéssica para sair. Vocês não são mais do mesmo mundo. A Jéssica vai começar o último ano do ensino médio, e tem tudo muito bem planejado para o ano que vem,

enquanto você... Agora deve se preocupar somente em ser mãe, não foi isso o que você escolheu? Vocês duas têm pensamentos diferentes.

Fiquei paralisada. Mas depois de uns cinco segundos, consegui respirar e responder:

– Dona Christina, me desculpe, mas o fato de eu estar grávida me desqualifica para ser uma companhia para ir ao cinema? O que a senhora acha que vai acontecer? Que eu vou fazer uma lavagem cerebral na Jéssica para ela engravidar também? A senhora subestima a personalidade da sua filha, com todo o respeito.

Antes que ela tivesse tempo de revidar, Jéssica apareceu no portão pronta para sair. Não deu tempo nem para que Jéssica entendesse exatamente o que estava acontecendo, mas já devia ter imaginado a postura da mãe. Ela me pediu desculpas pelo comportamento da Dona Christina, só que eu sei que a culpa não é dela.

Fiquei muito chateada. Parece que agora não sou uma boa influência para as adolescentes “corretas” da escola ou do meu bairro, e me pergunto: “mesmo que eu tivesse engravidado de propósito, será que os adolescentes de hoje são vistos como pessoas tão facilmente influenciáveis?”. É bem verdade que, em todos os lugares, existe gente da minha idade com ideias fracas, sem perspectiva, que não idealiza um futuro bacana, mas o grande erro da sociedade é generalizar e subestimar os jovens.

Mesmo porque também existem milhares de adultos incrivelmente influenciáveis. Minha irmã tem 25 anos e fica irritadíssima com uma mulher de 30 anos que trabalha no mesmo lugar que ela. Todo novo curso que a Júlia resolve fazer, um livro que ela lê por puro entretenimento, ou peças de teatro que ela assiste, essa mulher tem que ir atrás também. Parece que ela não sabe onde procurar coisas bacanas para consumir, e se baseia no que a minha irmã faz. É deprimente. Seria muito mais interessante se ela se mostrasse disposta a trocar dicas culturais, como a maioria das pessoas faz.

Mas o que mais irrita a Júlia é a questão do cabelo. Minha irmã muda o visual a cada 6 meses: pinta, corta, faz o que bem entende, e sempre é copiada uma semana depois por essa mesma mulher. Pior do que isso, é se propor a usar um corte de cabelo ou uma cor de tinta que não combina com você, somente porque outra pessoa usa. São tipos de fios diferentes, tonalidades de pele distintas, mas nada disso parece incomodar a tal “maria vai com as outras”. Atualmente, Júlia está usando um corte chanel e os fios estão ruivos como os da atriz Amy Adams, e eu nem questioneei como vai o cabelo de sua colega de trabalho.

E essa situação não é a pior, eu tenho uma tia por parte de pai que em dia de eleição pergunta ao marido em quem ela DEVE votar. Nem quero começar a expressar a minha opinião diante de tal ato, pois vou ficar mais irritada.

Desisti de ver o filme depois da situação chata pela qual passei com a mãe da Jéssica, mas fomos a uma sorveteria bem bacana. Acho que engordamos uns três quilos, e bate-mos papo pelo resto da tarde.

Foi bem legal, pois conversar com a Jéssica é sempre bom. Ela sabe acalmar, falar coisas que te fazem sentir melhor, é engraçada e muito culta. Será que a danada não é um alienígena?

Depois de tudo isso ela veio para casa comigo e assistimos *Piratas do Rock*. É uma comédia que mostra uma rádio pirata na década de 1960. Muita diversão e boa trilha sonora, adorei.

* * *

Me rendi e assisti ao filme *A Rede Social*. Não é ruim, mas ainda não acredito que seja um bom tema para ser mostrado em um filme. A Jéssica apresentou uma série de argumentos para a obra ser valorizada, mas isso porque o Q.I. dela é bem mais alto do que o meu. Ela não entende que esse assunto deveria ser discutido com a minha irmã, não comigo.

Júlia é jornalista e trabalha para um site de entretenimento, então vira e mexe ela vai a sessões exclusivas para jornalistas pela manhã, logo, é complicado chamá-la para ir ao cinema. É algo do tipo:

– Júlia, hoje estreia *Transformers: A Vingança dos Derrotados*, vamos ver?

– Ixi, assisti há um mês, você não viu a minha crítica?

Mas também tem o lado bom:

– Júlia, eu tive que assistir ao filme *O Quarto Poder* na escola e preciso escrever sobre ele, destacar os pontos positivos e negativos.

– Isso é fácil. Você pode enfatizar como o personagem do Dustin Hoffman iniciou um show a partir de uma situação que não iria muito adiante, se não fosse pela intromissão dele e de como a opinião pública, sobre o personagem do John Travolta, muda de acordo com o que a TV mostra. Ele é visto como homicida, como pai de família, como coitadinho e como herói ao longo da história. Como ponto negativo, você pode dizer que o filme se torna inferior quando comparado com o clássico *A Montanha dos Sete Abutres*, que também aborda a responsabilidade no jornalismo.

– Mas eu não vi esse filme.

– Eu tenho, fique à vontade para assistir.

Ou ainda:

– Júlia, o pessoal da escola está a fim de ver *(500) Dias Com Ela*. É uma boa ideia?

– Descarta, é melhor ver *Amor Sem Escalas*. Mais realista, mais adulto, tem o George Clooney e mostra certas particularidades de algumas profissões.

– Mas somos adolescentes.

– Isso justifica o baixo nível do que vocês consomem?
Sim, ela é direta, mas eu estou acostumada.

* * *

Meus pais não surtaram quando anunciamos a gravidez, mas ficaram surpresos, obviamente. Meu medo era de que meu pai passasse a tratar o Fabrício mal, e entrasse numa conversa do tipo “nós confiamos em vocês e veja só o resultado”, mas, pelo menos por enquanto, isso não aconteceu.

Esperamos o susto da notícia passar e os ânimos se acalmarem, por isso somente agora tivemos nosso primeiro almoço em família com a presença do Fabrício, desde que comunicamos a gravidez aos meus pais. Ele não deixou de vir me ver, mas somente hoje ele se reuniu a minha família.

Até a Júlia tirou o dia para ficar em casa, deu uma desculpa qualquer sobre resolver umas coisas apenas para não perder o almoço.

Meu pai é professor universitário de literatura, e minha mãe é assistente social. Talvez por isso, quando souberam da minha gravidez, me imaginaram abandonada pelo pai da criança, sem dinheiro para comprar fraldas e sem ninguém disposto a cuidar do bebê para que eu pudesse trabalhar.

Aos poucos, minha mãe tentou perguntar se o Fabrício e eu vamos nos casar. Quando eu percebi a intenção dela, tomei a frente.

– Mãe, tomamos uma decisão juntos: não vamos nos casar por causa do bebê.

– Mas como não? Deveriam!

– Não deveríamos. Devemos nos casar um dia, por amor, não por conveniência ou necessidade.

– E como vocês vão criar essa criança?

– Mãe, o Fabrício vai começar a faculdade agora. Por ter feito ensino médio técnico, ele vai começar um estágio semana que vem, mas vai ter pouco tempo para dormir durante a semana. Não quero que ele passe por dificuldades no trabalho, ou na faculdade, por conta da criança.

– Ué, mas isso é consequência de se ter um filho e eu não acho certo um de vocês dois se esquivar de algumas inconveniências. Você acha que o seu pai nunca levantou cedo para dar aula, morrendo de sono, porque você chorou a noite toda com cólicas? A maneira correta de criar uma criança é com pai e mãe por perto, educando-a todos os dias.

Mas Fabrício achou melhor explicar com as palavras dele.

– Dona Érica, me deixe esclarecer tudo. A minha rotina não é o principal motivo para termos tomado essa decisão. O que acontece é que a Mirella e eu pensamos em nos casar um dia, mas agora somos muito jovens e temos medo. É verdade que somos jovens para ter um filho também, mas não queremos atropelar as coisas. Já vimos casais se desfazerem por conta do estresse de se criar um filho desde tão cedo, também temos medo de nos casarmos agora e depois

de um tempo percebermos que não era exatamente o que gostaríamos. Só quero deixar claro que não pretendo me esquivar da minha responsabilidade, mas garantir que no dia em que eu pedir à senhora e ao sr. Danilo a mão da Mirella, vai ser por amor e em um momento em que eu tenha condições financeiras de sustentá-los, ela e nosso filho, sozinho. Concordo que, em muitas noites, eu não estarei por perto no começo, mas não serei um pai ausente. Eu moro na rua de trás, virei aqui sempre e em nenhum momento a Mirella estará sozinha. Além disso, o bebê poderá sempre dormir lá em casa. Eu sei que não será possível no começo por causa da dependência dele em relação à mãe, mas vamos trabalhar juntos nisso. E não se preocupe, a Mirella não vai negligenciar a vida acadêmica, já conversamos sobre esse assunto.

Isso calou a boca da minha mãe. Foi lindo.

Fevereiro de 2011

Comecei a ler o livro *Depois Daquela Viagem*, da Valéria Piassa Polizzi. É a história verídica de uma garota que contrai AIDS no final dos anos 1980, quando ainda era considerada “doença de gays”.

Ainda estou no começo e por enquanto estou gostando, mas tudo parece tão injusto... Poxa, ainda tão jovem descobrir que se tem uma doença grave deve ser arrasador. Co-

migo a camisinha estourou, e a consequência disso é uma nova vida; no caso da Valéria, que não usava camisinha com o parceiro, a consequência foi oposta, algo que na época era sinônimo de morte.

* * *

Hoje eu assisti ao filme *Apenas Uma Vez*, que mostra um músico na Irlanda um pouco inseguro quanto às suas composições, até que conhece uma moça que vende flores pelas ruas e os dois começam a fazer músicas lindas juntos. Amei!

* * *

O Fabrício passou em casa hoje, pouco depois das dez da manhã, para irmos ao shopping. Ele queria comprar as primeiras roupinhas do nosso filho. Eu achei um tanto cedo, mas ele disse que comprar aos poucos faz com que sintamos um impacto menor no bolso, e eu não tive como discordar disso. Sem contar que a ansiedade é muito grande.

A família do Fabrício não é rica, mas consegue viver confortavelmente, e todos estão empolgados com a chegada de um bebê. Tenho certeza de que em nenhum momento nós passaremos alguma dificuldade, mas o Fabrício gosta de resolver as coisas de maneira independente.

Antes de começar o estágio ele trabalhou por mais de um ano na padaria do pai de um amigo, e quer usar parte desse dinheiro para montar o enxoval.

Bom, compramos poucas coisas: dois pares de sapatinhos e três macacõezinhos, tudo em cores neutras, porque é cedo para saber o sexo do bebê. É tudo tão lindo... Eu não vejo a hora de vestir nosso filho.

Almoçamos no shopping e encontramos a Samantha, do colégio. Nós duas somos do time de vôlei (quer dizer, acho que eu era), com a diferença de que acredito que ela queira e possa seguir carreira profissional, enquanto que eu apenas jogo bem, apesar de levar muito a sério os campeonatos dos quais participamos. Foi legal vê-la, ela passou as férias em Santa Catarina, na casa do pai, e nós não nos falamos desde que as aulas do ano passado acabaram. Perto dos avós, tios, primos e do pai, ela entrou pouco em redes sociais, e eu também não passo todo o meu dia na internet.

Ela ficou contente em me ver e me convidou para participar dos treinos após a aula, que começam depois de amanhã. Foi então que eu percebi que... Não poderei jogar esse ano. Ontem fui ao ginecologista e, sinceramente, não lembrei de perguntar a ele se posso praticar esse tipo de esporte. Minha cabeça já está ocupada demais se preocupando com o colégio.

Eu sei que é importante fazer exercícios, tenho caminhado todas as manhãs, mas tenho dúvidas quanto ao vôlei.

A gente pula bastante, não sei se isso pode trazer algum risco ao bebê. De qualquer maneira, o que me deixou mais triste é que, mesmo que eu pudesse jogar por mais alguns meses, o campeonato municipal contra outros colégios só ocorre a partir de agosto, e já estarei bem perto do parto.

Fabrizio e eu explicamos a Samantha e ela ficou surpresa, não sabia da gravidez, mas também ficou um pouco desanimada porque me considera uma boa jogadora.

Bom, é o preço a ser pago.

* * *

Volta às aulas. Caos e o peso de todos os olhares do universo me julgando culpada e, muitas vezes, uma despu-dorada. Em algumas situações (bem poucas), os olhares po-deriam ser interpretados como “coitadinha”.

Ah, o colégio... Aquele lugar que pode ser um verdadeiro inferno para os adolescentes. As aulas mal começaram, ainda estamos em fevereiro, e a notícia da minha gravidez já se espalhou. Agora eu pareço ser um ET, uma garota que sai com todos os garotos do colégio e que “teve o que mereceu”. A parte mais triste é sentir olhares julgadores por parte das próprias garotas.

Não entendo o que acontece, afinal todos erram na vida. Eu acreditei que não aconteceria nada quando a camisinha estourou, e que a concepção fosse algo mais difícil de ocorrer. Isso faz de mim uma pessoa pior do que as outras?

Às vezes, é MUITO difícil acreditar que estamos em 2011. Planejamento familiar é extremamente importante, mas existem tantas coisas piores do que uma gravidez não planejada...

Eu poderia ser drogada, garota de programa (várias adolescentes de classe média são, ou vocês nunca ouviram falar na Bruna Surfistinha?), namorada de um traficante, talvez até mesmo uma traficante, mas não sou nada disso. Sou apenas uma futura mãe adolescente.

Sem contar que a minha mãe conversou com o diretor do colégio sobre a minha gravidez, para definir como faremos para que eu conclua o ano. Terei que fazer trabalhos no período entre os últimos meses de gravidez e os primeiros após o nascimento e, se os cálculos estiverem corretos, eu devo voltar em novembro.

NOVEMBRO?

Só para todo mundo ver as minhas notas despencarem diante dos exames finais? O correto seria cursar novamente no ano que vem, mas a direção do colégio não quer isso; e se o meu pai ouvir uma palavra referente a essa opção, eu corro o risco de ficar órfã, porque com certeza ele vai enfartar.

Então acho que não presto vestibular esse ano, não terei a bagagem necessária, mas a minha mãe falou que eu posso fazer cursinho ano que vem, assim ficarei mais tranquila. Eu quero cursar História em uma universidade pública. A Júlia e eu sempre estudamos em um colégio particular, porque é

do mesmo dono da universidade onde nosso pai dá aulas, mas eu gostaria de não depender mais disso depois do ensino médio.

Ainda bem que tem coisas boas acontecendo também. A irmã do Fabrício, a Elaine, não consegue parar de fazer sapatinhos e roupinhas de crochê. Em cores neutras porque ainda não sabemos se teremos uma menina ou um menino, e é tudo tão lindo...

* * *

Rotina de mulher grávida não é fácil, me pergunto como fazem as que dão à luz oito filhos. Como pode? Entre as minhas tarefas diárias, tem o tempo dedicado aos vômitos, que seguem firmes. Não consigo mais comer lasanha, cachorro-quente, nem coxinha. Tudo bem que não são exemplos de alimentação saudável, mas eu sempre curti comer uma besteirinha no fim de semana. Agora eu como muito brócolis, beterraba e bife de fígado.

Como se não bastasse, o colégio nunca pareceu tão intimidador. Outro dia a Jéssica ouviu um comentário absurdo entre duas garotas do clube do livro. Uma delas chegou a dizer: “Bom, ela tentou ser esperta, né? O Fabrício é um gatinho, era super notado no colégio, deve estar fazendo o maior sucesso na ‘facul’ e o padrasto dele é muito gente boa. A esperta quis garantir a entrada na família, mas

ainda não aprendeu que filho não segura marido ou namorado. Agora fica por aí, com aquele olhar de coitadinha que não se aguenta em enjoos”. E tem mais: “Ouvi dizer que o Fabrício pensou em abortar, mas que a família dela não permitiu. Claro, se a garota tem ambições na vida, isso deve ter vindo de berço”.

Mal pude acreditar! Quem elas pensam que eu sou? Uma pessoa manipuladora, uma vilã típica de filme adolescente que está recebendo uma lição?

Isso tudo é muito triste, mas temos que seguir tentando não pensar nesses comentários. Já estou muito apegada a essa criança, Fabrício e eu não vemos a hora de ela nascer.

Quanto ao provável sucesso do Fabrício na faculdade, é o preço que se paga por namorar um garoto bonito. Meu namorado tem pele clara, cabelos pretos e olhos azuis, é alto, simpático, inteligente, educado e gosta de tocar bateria. É óbvio que sempre tem alguém de olho, mas ele não seria meu namorado se eu não confiasse nele.

Não que eu seja super segura, muito pelo contrário, tenho muitos medos, mas a infidelidade por parte do Fabrício não é um deles. O que eu temo, por exemplo, é que ele encontre uma garota que seja a cara dele, perceba que ela é muito interessante e fique mais próximo dela do que de mim. Quero morrer só de pensar que ele continuaria namorando comigo por causa da gravidez, eu jamais permitiria algo do tipo.

Além disso, pode parecer clichê, mas não é exatamente o charme o que mais me chama a atenção nele. É o seu jeito tímido, a atenção que tem com o próximo e a crença na bondade do mundo. Esse conjunto faz com que eu o queira cada vez mais.

Pelo menos ele cursa Engenharia, onde se encontram poucas garotas, mas sei que na classe dele tem algumas. Ele já fez alguns amigos e parece que uma moça morena muito bonita, chamada Agatha, faz parte do círculo social dele na “facul”. Mas eu não posso me dar ao luxo de ficar pensando o dia todo no que o Fabrício pode estar fazendo.

Tenho que estudar muito, ainda não desisti de prestar vestibular no fim do ano, só que tudo está tão incerto.

Sem contar que ainda não sei como farei quando começar a cursar a faculdade. Minha mãe diz que não haveria problema se eu ficasse em casa sem estudar por um ano, pelo menos enquanto a criança mamar no peito e se acostuma a ser cuidada por outra pessoa. Meu pai não concorda com isso, e eu também não quero.

E isso não é tudo, quero muito começar a ganhar dinheiro. Sei que a minha família e a do Fabrício não deixariam faltar nada para nossa criança, mas não acho certo ser mantida integralmente por eles. O Fabrício faz estágio e tenho certeza de que vai ajudar, mas uma criança gera um custo enorme, e nós somos os pais dela.

Enfim, estou me adaptando a essa nova condição. Aos poucos, é verdade, mas vou gostar muito de ser mãe. Agora

é muito claro para mim como tudo pode ser lindo quando se tem um filho planejado ou, ao menos, quando se tem uma boa estrutura. Estou passando por essa experiência aos trancos e barrancos e, no fundo, estou gostando muito. Porém, penso como seria maravilhoso se eu não tivesse engravidado com quase 17, mas com quase 27. Se eu morasse com o Fabrício e nós tivéssemos um teto só nosso, onde cuidaríamos do nosso bebê. Seria tudo perfeito demais, quase não consigo imaginar.

Apesar de tudo, não posso reclamar. Eu vi um filme sobre garotas grávidas chamado *Meninas*. É um documentário nacional e foi dirigido pela Sandra Werneck. Eu chorei muito ao assisti-lo. Vi uma garota pobre de 13 anos grávida de um ex-traficante de drogas de 22 anos, e outras histórias muito tristes. A gravidez não planejada se estende muito além do filme *Juno*, em que tudo parece ser até engraçado. Ainda mais no Brasil, onde a desigualdade social é tão visível.

Sou muito grata a todos que estão me apoiando agora, sei que muitas garotas não têm a mesma sorte que eu.

* * *

Primeiro ultrassom!!!! Eu nunca vou me esquecer desse momento, e posso dizer que nunca senti tamanha emoção antes. O Fabrício e minha mãe me acompanharam, ele se-

gurou a minha mão o tempo todo e choramos juntos ao ver o nosso bebê pela primeira vez. É exatamente como acontece nos filmes e nas novelas, um “feijãozinho” por quem você sente todo o amor do mundo... Pensei que meu coração fosse explodir!

É uma pena que não seja possível colocar em palavras tudo o que sentimos naquele momento. Tenho certeza de que nunca nos amamos tanto quanto naquela hora. Foi inesquecível, e estamos ainda mais ansiosos. O amor que temos por este ser torna tudo isso tão pequeno...

Só o que queremos é cuidar dele, e faremos isso da melhor forma que pudermos.

Em momentos como esse é que percebemos que nada do que as outras pessoas pensam importa. O que merece ser levado em consideração é apenas o amor que sentimos por esse alguém que ainda nem nasceu, e como gostaríamos de viver em um mundo perfeito, para que fosse possível salvá-lo de qualquer mal que possa vir a acontecer. Queremos protegê-lo de tudo, mostrar somente as partes boas do mundo em que vivemos, ensiná-lo a plantar árvores, a criar animais, a desfrutar do prazer de deitar na grama no parque em um dia de sol, mostrar como pode ser bom gastar toda a tarde de domingo na companhia de um bom livro, e ver a empolgação dele ao descobrir a magia do cinema.

Mas já que isso não é possível, teremos que nos contentar em dar a ele uma boa educação, amor e mostrar

que poderá sempre contar conosco. Sabemos que não será fácil, mas nossos pais passaram por isso e se saíram muito bem.

Coincidentemente, o ultrassom foi feito no mesmo dia em que completamos um ano de namoro. Como receber um presente maior do que esse? Ao mesmo tempo, percebemos o quão grande é a etapa que pulamos. Meus pais levaram seis anos entre se conhecerem, casarem e terem seu primeiro bebê. Fabrício e eu “eliminamos” 5 anos, isso é surreal.

* * *

Aniversário de 18 anos do Fabrício.

Teve um churrasco legal em sua casa com o pessoal do colégio, e também com algumas pessoas da turma da faculdade. Sim, ele só esteve uma semana na faculdade e já tem amigos para convidar para a festa, mas acho que até entendo. Quando se está no colégio a convivência é com pessoas da sua idade que estão ali, porque tudo faz parte de um processo de costumes da sociedade, afinal é tudo por uma questão de faixa etária. Mas na faculdade tudo muda, você encontra pessoas com quem pode ter mais afinidade, e todos estão em busca de algo mais parecido.

Ele estava lindo com uma camiseta polo preta e bermuda jeans, e me apresentou para os novos amigos. O “pes-

soal novo” parece ser muito bacana, todos foram supersimpáticos comigo.

A maior parte de estudantes de Engenharia é homem, mas aparece uma ou outra mulher. Conheci a Agatha, a morena simplesmente deslumbrante que eu já havia notado nas fotos em redes sociais. Ela tem cabelos encaracolados até a cintura, vestia uma minissaia jeans e um baby look com a foto do álbum *Vol. 4*, do Black Sabbath. Estava usando batom vermelho, delineador preto e calçava coturno.

Sabe aquela pontinha de ciúmes? Pois é, eu senti. O Fabrício me deu atenção o tempo todo, fez questão de mencionar que estou esperando o nosso primeiro filho, e não deixou de falar sobre o primeiro ultrassom. E ela também é supersimpática, mas não sei... Quem olhasse de longe poderia pensar que eles combinavam como casal. Fabrício é fascinado por bandas das décadas de 1960 e 1970, gosta de hard rock e de heavy metal. Já eu fico com os artistas do rock e do pop dos anos 1990, visto a minha bata azul, minha calça legging branca e uso um batom rosa e uma sombra azul, que combina com a bata... Aí aparece aquela moça, toda simpática, que parece ser inteligente, e que tem o gosto musical parecido com o dele... É claro que fiquei com ciúmes.

Eu fui simpática com ela também e espero não ter demonstrado o que senti, mas não garanto nada.

Levei para a festa uma torta de ameixas que eu mesma fiz. Todos que comeram elogiaram bastante o resul-

tado, adoro quando elogiam algo que eu cozinhei. Pode parecer besteira, mas eu me sinto importante quando isso acontece.

* * *

Hoje eu assisti com a Jéssica a um filme de 1994, chamado *Caindo na Real*, sobre jovens recém-graduados que procuram sua própria identidade. Eu gosto dessa ambientação dos anos 1990, sabe? Parece que, ao mesmo tempo em que já havia muita tecnologia, ainda restava um pouco de privacidade e as pessoas não eram tão expostas, como é hoje com o advento da internet e das redes sociais.

Eu nasci em 1994 e me lembro de algumas coisas, mas eu era pequena. Gostaria de ter aproveitado essa década como adolescente, com outros tipos de programas. Acredito que era muito mais empolgante aguardar a estreia de algum filme no cinema, porque a chegada dele nas locadoras ia demorar meses, e o mais importante: não se baixava filmes pela internet. Talvez no final de década de 1990 até fosse possível, não sei, mas ainda assim, eram poucas pessoas que tinham acesso à internet.

Devia ser muito legal também ver vários estudantes indo até a biblioteca fazer seus trabalhos. Pena eu não ter vivido isso, sempre fiz meus trabalhos em casa, ou na casa de amigos. A minha irmã ainda pegou um pouco dessa fase.

As pessoas, inclusive, costumavam escrever em diários ao invés de publicar tudo o que sentem ou pensam em blogs, ou lotar as páginas das redes sociais e nos obrigarem a admirá-las pela suposta intelectualidade, ou maturidade.

Até os fãs de música deviam ser mais respeitados, porque não existia essa prática de ouvir o nome de uma banda, entrar na internet e em 20 minutos já saber toda a sua história. Não, os interessados tinham que ir atrás de informações por si mesmos, em revistas e com o grande auxílio da MTV, que na época era a autoridade máxima em música, bem diferente do que é hoje. E a minha banda preferida, The Cranberries, reinou durante os anos 1990.

Pelo que a Júlia diz, a estreia de um clipe novo de uma grande banda era motivo de expectativa, e todo mundo ficava de olho na TV, porque se perdesse o clipe, não tinha a opção de vê-lo na web. Ou seja, tudo devia ser mais emocionante e valorizado, mas sem os exageros que tinham na década de 1980.

Meu pai diz que eu me interessava tanto pela década de 1990 só porque não precisarei sair com uma pasta com vários currículos debaixo do braço procurando emprego, já que posso enviá-los para diversas empresas sem sair de casa, pela internet.

Enfim, sobre o filme *Caindo na Real...* Ele retrata a época exatamente como eu a imagino. Amores, empregos, angústias... E tem a Winona Ryder no auge da fama. A propósito, eu não sei o que aconteceu com a carreira dela.

No início dos anos 1990 ela parecia ser a queridinha de Hollywood, atuou em filmes de diretores premiados, aos 19 anos trabalhou ao lado do então jovem Johnny Depp (e namorou com ele), aos 22 foi premiada com o Globo de Ouro e deixou Emma Thompson para trás e aí... Não aconteceu mais nada?

Acredito que o último sucesso com ela tenha sido *Garota, Interrompida*. Acho triste, eu gosto dos filmes com ela, mas aquele episódio em que foi pega tentando roubar umas roupas com certeza influenciou sua atual situação profissional, o que não justifica necessariamente. Inúmeros astros já foram presos pelos mais diversos motivos e continuam fazendo sucesso.

* * *

Voltei a fazer trufas para vender. Eu adoro fazer isso porque me ajuda a relaxar e já tem um tempo que vendo, mas fiquei algumas semanas sem fazer. O mês de janeiro é difícil, muito calor, sem aulas e sem datas comemorativas. Em fevereiro começa a melhorar um pouco.

Eu me distraio e adoro ver o resultado final, a consequência da junção dos ingredientes e um pouquinho de técnica. Sem contar que não posso dizer que me saio mal.

O pessoal do trabalho da Júlia adora, e algumas professoras amigas do meu pai também, então acaba sendo uma

maneira razoável de conseguir um dinheirinho. Eu sei que, por enquanto, não vou conseguir sustentar meu bebê sozinha, mas quero contribuir o máximo possível e vou me esforçar muito para isso.

* * *

Terminei de ler *Depois Daquela Viagem*. É lindo e sensível, adorei. Amanhã eu começo a ler *A Revolução dos Bichos*, do George Orwell. Nunca li nada desse autor, mas a história me pareceu bem bacana, é considerada uma fábula sobre o poder. Fala de um grupo de animais em uma granja, que se revoltam contra o dono do lugar e criam suas próprias leis, mas que aos poucos começam a se assemelhar aos humanos. Indicação do Fabrício.

* * *

Aniversário de 17 aninhos!!!

Comemoração tranquila, recebi apenas algumas pessoas em casa, os mais próximos. Alguns tios, algumas pessoas da escola...

Gostei muito das visitas, mas algo me deixou um pouco chateada. Todos me trouxeram presentes (claro que não é necessário, mas todo mundo gosta, né?), porém, com exceção do Fabrício, da Júlia, da Samantha e da Jéssica, todos me deram presentes relacionados à gravidez ou para o bebê.

Calça para grávida, livro de nomes para bebês, uma cinta de sustentação e por aí vai... Até babador eu ganhei!

Eu entendo que tudo será útil e estou agradecida, mas é que... Não querendo ser egoísta, é o meu aniversário e eu não deixei de ser a Mirella, apenas serei a Mirella mãe e mais madura.

Relação dos presentes que amei:

– Livro *1808*, do Laurentino Gomes, presente da Jéssica (para uma futura professora de História, saber melhor sobre a vinda da família real portuguesa para o Brasil é um deleite);

– Box da minissérie *Os Pilares da Terra* + caixa de bombons, presente do Fabrício;

– Uma luminária divina, presente da Júlia;

– Uma sandália linda, presente da Samantha.

Durante a tarde o Fabrício e eu assistimos na casa dele ao filme *Confiar*, por sugestão do Matheus, que assistiu conosco. Não é uma história muito famosa, mas é ótima para adolescentes. Fala de uma garota que conhece um garoto pela internet e decide encontrá-lo pessoalmente, sem o consentimento dos pais. O problema é que ele não era exatamente quem afirmava ser, e a garota tem dificuldades em entender e admitir o que acontece no encontro.

O Fabrício e eu adoramos, é um baita alerta para as armadilhas da internet e foi dirigido por um ator que eu adoro, o David Schwimmer, o Ross da série *Friends*.

O que eu não gostei foi da Agatha mandando mensagens engraçadas para o Fabrício durante todo o dia, mas tudo bem. Não vou dar uma de namorada neurótica.

* * *

Inacreditavelmente eu tive poucos enjoos hoje pela manhã. Comparado com o que eu sentia há algumas semanas, hoje foi extremamente tranquilo. E, pelo que eu ouço, ainda tenho muita sorte, porque tenho enjoos somente pela manhã. Minha mãe e algumas tias deixaram de comer várias coisas durante a gravidez, além de vomitarem por boa parte do dia.

11 semanas e já sinto tanta coisa diferente ao meu redor...

Ontem, minha mãe e eu visitamos uma academia para gestantes. Gostamos bastante de lá e eu devo começar a frequentá-la na próxima semana, fiquei bastante animada.

Também fiquei bastante feliz pela Jéssica, que está com os olhinhos brilhando por um garoto novo na parada, o Davi, que ela conheceu na festa de aniversário de uma prima. Pelo que ela disse, o rapaz é um verdadeiro príncipe, a diferença de idade é pequena e ele faz parte de um mundo diferente do dela.

Toda a sorte do mundo para a minha amiga.

* * *

Ontem teve a comemoração do aniversário da Agatha. Nada de mais, ela chamou alguns amigos (incluindo o Fabrício) para irem a sua casa comer pizza, jogar videogame, dar risada. Segundo o Fabrício, ela disse que eu também estava convidada, então concordei em ir.

Eu quis usar algo mais “selvagem”, vesti uma saia preta, uma regata vermelha e passei um batom vermelho da Júlia. Um arraso, mas quando o Fabrício passou em casa para me buscar e me viu, não conseguiu disfarçar a surpresa.

Minha mãe estava na sala, então ele sugeriu irmos ao meu quarto para conversarmos.

– Mi, o que está acontecendo?

– Nada, por quê?

– Nada? E essa roupa? E esse batom?

– Eu quis mudar um pouco, você não gostou?

– Mirella, você está incrivelmente linda, pena que está linda sem ser você. Quando você se mostra não fica apenas linda, fica encantadora. Me conta o real motivo para essa súbita mudança, por favor?

– Se a Agatha fica deslumbrante usando batom vermelho, roupas e delineador, qual o problema? – perguntei com a cabeça baixa; ele explodiu.

– Eu sabia! Mirella, a Agatha é bonita sim, e ela tem o jeito dela. Eu não posso acreditar que você, sendo uma garo-

ta tão madura, possa estar tendo esse tipo de comportamento. Você é ainda mais linda sendo a Mirella que eu conheço, a minha querida Mirella, sempre delicada.

– Isso tudo é muito bonito, mas eu vejo as fotos em que ela te marca nas redes sociais. Me parece que vocês estão sempre juntos na faculdade, não é? Ninguém nunca disse que vocês formariam um casal lindo? Ela com aquelas camisetas das bandas que você ouve, com aquele cabelo enorme e aquele bocão...

– Cristo! Eu achava que a gravidez fizesse com que as mulheres amadurecessem, e não que retrocedessem. Isso tudo por causa de umas fotos? Você não tem amigos homens, Mirella?

– Tenho.

– Vocês não tiram fotos no colégio?

– Tiramos.

– Então não sei por que estamos discutindo isso. A Agatha é muito bonita, mas é você quem eu amo, é você com quem eu quero ficar e é você quem está esperando um filho meu. E tudo isso acontece porque eu gosto da Mirella como ela é, usando maquiagem clara, se vestindo de maneira angelical e fazendo umas coisas graciosas nesses cabelos castanhos claro que batem no ombro e que, para mim, são lindos o suficiente. Será que essa Mirella pode voltar? Eu entendo a sua insegurança, e reconheço que jamais poderei saber exatamente como se sente, é verdade. Entretanto, você

não pode me culpar por isso. Se eu pudesse, dividiria tudo com você, mas você sabe que não tem como, então eu tento fazer o possível, e realmente gostaria de te passar a segurança que você merece sentir.

Eu não sabia o que dizer. Entramos num acordo e eu troquei a blusa vermelha por uma branca e o batom vermelho por um mais clarinho.

Tudo muito comovente, mas não um mar de rosas. Eu me enturmei com as pessoas que estavam lá, o irmão mais velho da Agatha, o Paulo, é muito engraçado e divertido. E ele tem uma amiga superfofa, uma ruiva chamada Sofia que tem um blog de cinema. Tinham umas amigas dela de época da escola também, que me trataram muito bem. Mesmo assim, eu não tive como não reparar: ela e Fabrício gostam exatamente das mesmas coisas, leram os mesmos livros (e quando não leram, um indica para o outro), assistiram aos mesmos filmes e estavam presentes nos mesmos shows. Nem eu devo ter uma conexão tão forte assim com o Fabrício.

Estou começando a achar que é questão de tempo. Mulher sente essas coisas e a gravidez nos deixa mais sensíveis, mais capazes de perceber ainda melhor o que acontece à nossa volta.

Apenas ouvir Placebo pode me ajudar agora, e *Because I Want You* parece perfeita para o momento.

Março de 2011

Estou gostando bastante da academia nova, os exercícios são ótimos e vão ajudar a preparar o meu corpo para o parto.

Minhas trufas estão vendendo muito bem, mais do que no ano passado. As pessoas devem estar preocupadas com a criação do meu filho e tentando me ajudar financeiramente, mas minha mãe diz que as grávidas possuem mais sensibilidade em tudo, até mesmo na cozinha.

* * *

Não sei se é necessário, mas estou um pouco preocupada com a Jéssica e o que ela espera do Davi. Ela nos apresentou no último sábado e ele parece ser bem legal. É um pouco mais velho do que a gente, bonito, tem pele negra, cursa Educação Física e faz estágio em um colégio. Ele trata a Jéssica muito bem e gosta dos amigos dela, mas eu acho que ela projeta muita coisa nele, sabe? Tenho medo de que ele possa representar para ela muito mais do que ela representa para ele.

Entretanto, não tenho como entrar neste assunto com ela sem chateá-la. Seria bom só para dizer um “vá com mais calma”, mas a Jéssica nunca teve alguém por quem ela se interessasse muito retribuindo o interesse na mesma pro-

porção, e o Davi foi o rapaz que mais entrou em sua vida, então eu não posso tirar isso dela.

Mudando totalmente de assunto, adorei o livro que o Fabrício me recomendou, *A Revolução dos Bichos*, do George Orwell. É simples, mas uma ótima história sobre traição e corrupção. Fico admirada com a coragem do autor de publicar esse livro em 1945, diante da União Soviética.

Agora estou lendo o meu presente de aniversário, *1808*, do Laurentino Gomes. Estava mesmo curiosa para ler.

* * *

Catorze semanas, um ultrassom morfológico e estamos todos devastados.

Abril de 2011

Meu filho tem síndrome de Down.

Acho que agora, quase um mês depois da descoberta, eu consigo falar isso em voz alta. Talvez esteja treinando para que, quando ele nascer, eu consiga falar normalmente para as outras pessoas.

Tudo mudou para mim desde que eu soube. Eu amo o meu filho da mesma maneira, mas agora eu tenho muito

medo. Medo de não estar preparada para ser uma boa mãe para uma criança que necessita de cuidados especiais, de não suportar todas as dificuldades e situações de preconceito pelas quais, inevitavelmente, ela irá passar.

De me adaptar aos retardos de desenvolvimentos físico e mental eu acredito ser capaz, mas não posso suportar, por exemplo, a ideia do meu bebê ter problemas cardíacos, e ter que passar por uma cirurgia delicada. Eu sei que é o tipo de coisa que toda criança corre o risco de ter que passar, mas em crianças com Down a probabilidade é maior.

Quando soubemos, o Fabrício chorou como uma criança em meus braços. Eu pude sentir a dor no peito dele, e compreendo que temos os mesmos medos. Ele, tão jovem, não sabe como vai cuidar do filho.

Quando chegamos do hospital fiquei deitada o resto do dia. O Fabrício me acompanhou até em casa, ficou um pouco comigo no meu quarto e depois foi embora. Percebi que ele tentou me consolar e dizer que vamos conseguir, mas estava devastado. Acho que nem mesmo ele acreditou nas palavras bonitas e reconfortantes que me disse.

À noite meu pai veio conversar comigo. Acho que foi a primeira vez em que conversamos a sós desde que eu anunciei a gravidez. E não foi bem uma conversa, na verdade, ele falou e eu escutei deitada.

– Filha, eu te conheço o suficiente para saber que o sentimento que você tem agora não é o de que o seu filho será

um fardo. Eu sei que o que está pesando, neste momento, é a insegurança. Você é jovem, mãe de primeira viagem e imaginou que tudo seriam flores, mas deixa eu te dizer uma coisa, filha, a vida é difícil e nos prega peças. Porém, nada é capaz de tirar sua beleza. Eu entendo que você acredita não estar preparada para passar por isso, que deve estar imaginando os problemas que a criança vai enfrentar, se poderá frequentar escolas convencionais ou se terá que se submeter a uma escola para crianças especiais, mas Mirella... Isso nós vamos decidir mais para frente. E quando eu digo “nós”, quero dizer que você não está sozinha. Sua mãe, sua irmã e eu estamos aqui, vamos te ajudar e te apoiar sempre. Apesar de jovem, o Fabrício é responsável e preocupado, tenho certeza de que ele também não vai faltar quando precisarmos dele. E sabe de uma coisa? Por mais que as pessoas possam falar mal do fato de você ter engravidado cedo, antes de terminar a escola e sem casar, eu prefiro saber que a minha filha e o meu neto estão sob o meu teto. Isso me conforta, pois sei que estão protegidos e cercados de pessoas que os amam. Acho que era isso. Descanse, e se precisar de algo é só chamar. Amo você e amo o meu neto também. Boa noite.

* * *

Não é novidade que os pais querem algo de bom para os filhos, e desde pequenos escutamos os mais velhos dize-

rem que temos aquela opinião sobre determinados assuntos porque somos novos, ou porque ainda não nos deparamos com certas situações. Admito que isso seja verdade muitas vezes, mas essa discórdia acaba me incomodando de vez em quando. Parece ser revelada com ar de desdém porque tenho menos experiência, porque sou jovem e porque ainda tenho muito que aprender com a vida, e com as coisas que ela pode me proporcionar.

O próprio Raul Seixas preferia ser uma “metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”, então qual o problema da minha posição mudar ao longo da vida? Não acho que isso esteja ligado à idade, acredito que tenha mais a ver com a liberdade de cada um, de se permitir ter uma visão diferente da que tinha ontem. Talvez seja questão de orgulho também, pode ser que as pessoas não queiram admitir que agora compreendem o que o outro disse antes.

Mas tudo bem, somos apenas seres humanos, inacreditavelmente vulneráveis e incrivelmente surpreendentes. Às vezes somos decepcionantes, mas podemos ser melhores do que costumamos e tudo isso é perdoável, pelo simples fato de sermos humanos.

A minha visão da gravidez mudou bastante desde que eu soube da condição do meu filho. Agora consigo perceber, de verdade, como precisamos do próximo e como estamos suscetíveis ao tratamento que recebemos das pessoas.

Consigno ver como algumas atitudes ou palavras podem nos afetar, podem nos tirar a vontade de fazer diversas coisas, e como somos dependentes da opinião e aprovação de quem acreditamos nos afetar.

Passei a imaginar se gostaria que meu filho passasse por certas coisas, estou cada vez com mais medo do que ele terá que enfrentar, e de tudo o que eu gostaria de enfrentar por ele. Acredito que o Fabrício e eu poderemos “filtrar” muita coisa, mas todos nós temos desafios individuais e muitos serão, exclusivamente, deste bebê que eu carrego.

Por tudo isso é que eu não tenho medo de dizer que agora entendo a preocupação de um pai com o que a TV expõe todos os dias, com a educação que os coleguinhas de escola recebem em casa (porque isso vai refletir no relacionamento que terão com o meu filho), com o investimento em educação e em segurança que deveríamos receber por parte do governo, e com tantas outras coisas que frequentemente passam despercebidas.

Apesar de tudo, tenho que reconhecer a sorte que tenho. Venho de uma família bem estruturada, o meu bebê é muito amado também pelo pai e acredito que não nos faltará nada. A minha preocupação é externa. Mas penso e fico emocionada ao perceber que muitas garotas como eu, todos os dias, engravidam de garotos que nem ligam para elas, são de famílias que não podem proporcionar nem o básico para a sobrevivência de um novo membro, e pen-

so, principalmente, nas jovens que são vítimas de estupro (possivelmente do pai, tio ou algum amigo da família) e engravidam. Elas não têm muitas opções, e o mundo, em suas visões, pode ser muito cruel.

Lembro do filme *Preciosa – Uma História de Esperança*. A história se passa nos anos 1980 e fala de uma adolescente violentada pelo pai e maltratada pela mãe, que engravida pela segunda vez e é expulsa da escola. É um filme muito bom, mas daqueles a que se assiste somente uma vez, porque é muito sofrimento.

Eu sei que pensar nessas coisas dramáticas não faz bem, então estou tentando assistir a coisas mais levinhas, algumas comédias ou dramas leves. Só quero transmitir coisas boas a essa criança que carrego. Não posso pegar para mim os desafios pelos quais ela passará, mas, por enquanto, eu tenho a sorte de mostrar algumas coisas boas que o mundo tem a oferecer.

Tudo isso me faz querer ouvir *Ode To My Family*, minha música preferida da banda The Cranberries.

* * *

Muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo e eu não sei como processar tudo.

Acho que perdi o Fabrício. A proximidade entre ele e a Agatha é crescente e visível, não há como disfarçar. Eu questionei mais de uma vez, tentei não ser grossa ou parecer

chata enquanto ele negava. Até que hoje, um sábado que passamos juntos, a situação mudou.

Fabrizio e eu assistimos a um filme em sua casa e, antes de me trazer de volta, ele foi ao banheiro. O celular dele tocou e o visor mostrou uma foto da Agatha mandando um beijo. Não pensei duas vezes e atendi:

– Alô?

– Oi. Ué, este não é o celular do Fabrizio?

– Oi, Agatha. É a Mirella, tudo bem? O Fabrizio foi ao banheiro e já volta, eu peço para ele te mandar uma mensagem, tá bom?

– Oi, Mirella. Mas você está na casa dele? Não quero atrapalhar, viu? Só estou ligando porque nós havíamos combinado e eu queria confirmar.

– Confirmar o que?

– Ah... Deixa para lá, Mirella. Outra hora eu falo com o Fabrizio. Um beijo.

Foi quando o Fabrizio voltou do banheiro e eu disse:

– A Agatha está na linha, quer confirmar o que vocês combinaram.

Ele pegou o telefone, foi para o cômodo ao lado e teve um diálogo rápido pelo telefone. Quando voltou, eu perguntei:

– Vai me dizer o que você e a Agatha haviam combinado?

– Calma, amor. Por favor, não pense besteira.

– Não estou pensando nada, só estou perguntando. Você pode responder?

– Claro. A Agatha e eu combinamos de ir a uma pizzeria com seu irmão e primos, que estão passando uns dias aqui em São Paulo, e a Sofia, não é nada de mais. Eu não te chamei porque sei que você não está lidando muito bem com o cheiro de queijo, e também porque entendo que não se sente muito bem perto de pessoas que você não conhece, por achar que está sendo julgada. É só isso.

– E por isso você ia sem me contar? Está escondendo coisas de mim desde quando?

– Não é isso, Mirella. Só não queria que você se sentisse mal. Só isso.

– Tudo bem. Me leva para casa, por favor. O que você vai fazer depois disso, não me interessa – peguei minha bolsa e, irritada, caminhei até a porta.

– Mirella, não fale assim, por favor.

– Fabrício, me responde: você está interessado na Agatha? Porque eu não quero que você namore comigo só porque estou grávida, não quero que sinta pena de mim e não quero ser um fardo – as lágrimas rolavam, não consegui segurar. – Peço para que fique ao meu lado somente enquanto sente algo por mim.

– Por Deus, do que você está falando? É só uma pizza.

– Me responda!

– Não, eu não quero nada com ela – ele disse irritado.

– O.K. Só não se esqueça do que eu disse: quero ser a sua namorada enquanto você quiser que eu seja.

Ficamos em silêncio durante o caminho até a minha casa. Não sei o que pensar, e não sei o que fazer.

* * *

Dezoito semanas e um novo ultrassom, agora revelando o sexo do bebê e, conseqüentemente, seu nome!

Serei mãe de uma menina, a Raquel! É muita felicidade, eu mal posso acreditar.

Não estou mais tão deprimida por conta da síndrome de Down, estou preocupada, é claro, mas meu pai me tranquilizou. Porém, algumas coisas machucam por mais preparados que julgamos estar. Ontem mesmo eu fui na casa da Jéssica, sua mãe estava lavando o quintal e conversando com a vizinha. Ela não percebeu que eu estava chegando e eu peguei um pedaço do comentário dela, algo como “grávida antes de casar e tão jovem, era certo que ia dar problema. O triste é a criança pagar pela incoseqüência da mãe, e ser uma mongoloide”.

Mas não quero pensar em maldades como essa, só quero pensar em como a minha filha linda vai ser amada, por mim, pelo pai e por nossos familiares.

Ouvindo: *Kiss Me, Sixpence None the Richer*. Amo essa música!

* * *

Existe algo chamado “sogra”, ela pode facilitar ou dificultar a sua vida. A minha chama-se Márcia. Ela foi simpática comigo quando comecei a namorar o Fabrício, e ficou encantada com a gravidez. Encantada porque sabe que é também o sangue do falecido marido, e o quão importante é para o seu filho.

Porém, tudo mudou desde o diagnóstico. Na primeira vez em que a vi, depois de saber que a Raquel nasceria com síndrome de Down, já percebi a diferença em seu olhar. Esse olhar me culpa pela condição da criança, e tenho muito medo de que ela venha a rejeitar minha filha.

* * *

Outro dia vi que o Fabrício estava lendo um livro chamado *O Filho Eterno*, o autor é Cristóvão Tezza. Trata-se da história de um homem que se torna pai aos 28 anos, e pouco depois do nascimento da criança, é informado que ela tem síndrome de Down. Isso acontece em 1980, quando uma pessoa com a síndrome era considerada mongoloide. Mas o problema maior é o pai não aceitar a condição da criança, ele mesmo discriminá-la.

Não sei se vou querer ler, pelo menos não por enquanto, mas o Fabrício está na metade do livro e comentou estar gostando. Principalmente pela franqueza com que o narrador expõe seus sentimentos, em um momento em que todos temos que ser “politicamente corretos”.

Indo para uma coisa mais leve, hoje eu assisti ao filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, filme lindo do Woody Allen. Não sou fã do cineasta, mas o que eu acho bacana em sua obra é que são filmes curtos, e que parecem ser simples, mas ele consegue mudar isso e conceber títulos grandiosos. Esse, em especial, é uma bela homenagem ao cinema, adorei.

Maio de 2011

Estou preocupada com a Jéssica. Há umas duas semanas o Davi comunicou que não queria continuar com ela. Não houve necessariamente um motivo que justificasse, mas eu acredito que ele tenha percebido que ela estava levando as coisas de um modo diferente do dele, e nem posso condenar o rapaz, acho que ele foi muito justo ao conversar com ela pessoalmente, e deixar as coisas bem claras. Entretanto, acho que uma frase utilizada por ele vai ficar na cabeça dela por um bom tempo:

– Jéssica, você tem qualidades infinitas, eu adoro você! E se eu pudesse escolher por quem me apaixonar, com certeza você seria a primeira pessoa no meu pensamento, mas eu não posso escolher isso.

Reconheço que as intenções foram as melhores possíveis, mas é difícil quando se projeta muita coisa em alguém que não está com os mesmos planos que você.

Hoje eu encontrei a Adriana do 2º ano, que é do clube do livro do colégio, e ela me perguntou pela Jéssica, disse que ontem houve o terceiro encontro entre os participantes em que a Jéssica não foi. Justo ela, que sempre foi obcecada por esse clube e por todos os livros do mundo?

A Adriana disse que mandou e-mail, tentou ligar, mas parece até que a Jéssica está fugindo dela, e as duas estão comandando um projeto do clube com o Machado de Assis como centro. De fato, ela ainda não parece recuperada do fora, mas nunca deixou de fazer as coisas que gosta por causa de uma paquerinha que não foi para frente.

Eu disfarcei, disse que ia pedir para a Jéssica entrar em contato e que sua mãe deve estar pegando no pé por este ser ano de vestibular e tals... Não sei se ela acreditou, mas foi o que surgiu na minha cabeça.

Tentei falar com a Jéssica, mas parece que depois da aula ela ficou o resto do dia no quarto vendo TV e não falou com mais ninguém.

Espero que o rapaz não tenha causado um estrago muito grande.

Parece até brincadeira com a situação, mas estou ouvindo *Precious Illusions*, da Alanis Morissette.

* * *

A vida é cheia de paradoxos. Enquanto ouvimos conselhos que sugerem planejarmos o nosso futuro desde cedo, não estamos preparados para saber o que vai ser de cada um de nós.

Eu nunca me imaginei grávida antes dos 25 anos, e sem um marido ao meu lado. Tenho certeza de que meus pais também não me imaginavam assim. Mas agora, além de eu estar grávida aos 17 anos e sem ter concluído o ensino médio, não tenho nem o pai da minha filha como namorado.

No último sábado, fui ao karaokê com o Fabrício e seus amigos da faculdade, incluindo a Agatha. Eu havia tentado desenganar da presença dela, e de tudo o que me parecia representar.

No começo eu me diverti bastante. Conversei com o Paulo, irmão da Agatha, que foi conosco e novamente ele se mostrou bastante engraçado e atencioso. Ele estuda Cinema junto com a Sofia, na mesma faculdade onde o Fabrício e a Agatha cursam Engenharia Civil, e tem sonhos de revolucionar o panorama da produção brasileira.

Também cantamos juntos *Die By the Drop*, da banda The Dead Weather. Pelo que eu soube, o Paulo é fã do Jack White e de tudo o que ele faz, que vai muito além da dupla The White Stripes. A Sofia também estava lá, e me indicou diversos filmes leves e sensíveis para eu assistir durante a gravidez. Estou pensando em acompanhar seu blog.

Estava sendo uma noite agradável.

Até que Agatha cantou e encantou. Ela não tem uma voz magnífica, mas escolheu uma música em que sua voz caiu perfeitamente bem, *Hella Good*, do No Doubt.

Logo que a música começou, Agatha brilhou ao mexer os quadris no ritmo da música. Veio a letra com o seu vocal provocante, e todos que estavam presentes foram hipnotizados, nem eu conseguia tirar os olhos daquela garota. Não havia par de olhos capaz de se desviar do espetáculo que estava ocorrendo na nossa frente. Agatha cantava e parecia inacreditavelmente à vontade na frente de todas aquelas pessoas, ela realmente nasceu com o talento para o público.

Não há autoestima que resista. Novamente eu estava lá, com o meu jeito meigo, bonitinho e encantador, enquanto a Agatha arrematava todos os olhares só para ela. Não dá para competir com um furacão, por mais que o seu namorado afirme que te ama. Ela exala sensualidade, não é uma adolescente comum, já é uma mulher fatal e o pior é que é bem provável que ela saiba o que provoca. Quem quer saber de uma garota educada e meiga, quando uma mulher daquelas é a outra opção?

Como se não bastasse toda essa situação, eu olhei para o Fabrício e, naquele momento, eu tive a certeza de que eu era um obstáculo na vida deles. Tudo ficou muito claro, um nasceu para fazer o outro feliz. Para a própria Agatha não havia mais ninguém ali, somente os dois, e ela cantava para

ele. O brilho nos olhos do Fabrício... Eu nunca vou esquecer aquele olhar. Espero que um dia algum rapaz tenha o mesmo brilho nos olhos ao me ver. Era uma mistura de sentimentos. Amor, ternura, atração, um combo.

Quando a música terminou, Fabrício estava visivelmente transtornado. Tentou com todas as suas forças disfarçar, mas eu não tinha mais outra opção.

Ele me trouxe em casa e eu pedi para que ele não entrasse, porque só queria tomar um banho e deitar. Ele atendeu ao meu pedido e ficou de passar em casa no dia seguinte para fazermos algo legal.

Dormi pouco. Me lembrei de quando nos conhecemos, eu tinha 9 anos e ele 10. Estudávamos no mesmo colégio e eu era da sala do seu primo, Gabriel, de quem muitos tiravam sarro por usar óculos, e se aproveitavam do fato do garoto ser pequeno e tímido. Eu o defendi algumas vezes, Gabriel comentou com o Fabrício sobre como eu fui legal, e o primo mais velho quis saber quem era a defensora do membro caçula da família.

Eu fiquei sem graça no nosso primeiro diálogo, mas passou. Coisa de garota sem prática alguma nisso. Mantivemos contato, nos cumprimentávamos sempre, às vezes conversávamos um pouco e os papos começaram a evoluir há uns dois anos.

Certa vez, nos encontramos na rua por acaso, eu usava uma camiseta da série *Anos Incríveis* e o Fabrício puxou as-

sunto. Disse que gosta muito da série porque o faz querer ser jovem para sempre, mas ao mesmo tempo, faz com que ele já sinta tristeza e saudade da infância e da juventude; além da memória do pai, que morreu quando ele era tão pequeno. Ele me convidou para tomar um milk shake e aquele foi o mais delicioso que eu tomei em toda a minha vida. Enquanto estávamos na lanchonete, a TV estava ligada em um canal de música, e começou a passar o clipe da música *Balada do Amor Inabalável*, do Skank. Nós dois comentamos o gosto por esta música e sua letra. Meses depois, quando começamos a namorar, dissemos que aquela era a nossa música.

O dia em que tomamos milk shake foi mágico. Eu me sentia atraída por ele fazia tempo, mas naquela tarde eu me apaixonei, foi um momento lindo. Mas só viemos a ficar pela primeira vez em uma festa na casa da Samantha. Eu estava me sentindo a garota mais feia e desinteressante da face da Terra, mas o modo como ele me olhava, e a atenção que me deu naquele momento, fizeram com que eu me sentisse um furacão.

A parte triste é que as coisas já não são mais assim. Mesmo tendo um namoro gostoso, divertido e lindo, eu reconheço que acredito pouco em relacionamentos adolescente, porque ao longo da vida conheceremos muita gente, e cada um tem a sua carga de experiência individual. Ainda assim, é difícil admitir que chegou a hora de tudo isso acabar. Nunca é fácil colocar o ponto final em um relacionamento.

Quando ele chegou em casa no domingo, eu pedi para que subisse ao meu quarto e tivemos uma conversa muito difícil, que é improvável que eu esqueça um dia.

– Fã, eu tomei uma decisão sobre nós. Não quero mais atrapalhar as suas vontades, tudo bem? Então eu acho melhor a gente terminar o nosso relacionamento por aqui – ele me olhou com cara de interrogação.

– Me atrapalhar? Do que você está falando?

– Não tente disfarçar. A química que existe entre você e a Agatha é evidente e indisfarçável. Eu vi a maneira como você olha para ela e senti até uma ponta de inveja, porque mesmo com a importância que temos um para o outro... Você nunca me olhou desse jeito – não aguentei, as lágrimas começaram a surgir e reparei que o mesmo acontecia com ele naquele momento.

– Mas, Mi, eu sou louco por você, será que não dá para perceber isso? E vamos ter uma filha juntos, por favor, não tire isso de mim.

– Eu jamais tiraria isso de você, amor. Você é o pai da minha filha e, com certeza, será o melhor pai do mundo. Você vai me ajudar a criá-la, mas eu não quero continuar um relacionamento sabendo que estou atrapalhando algo muito maior. Não quero ser um peso, um obstáculo ou uma vilã. Além disso, não quero ser traída. Eu sei que você não faria isso, mas a atração entre vocês é mútua, tenho até medo de onde pode chegar se eu insistir em manter o relacionamento.

– Por favor, não me jogue nos braços de outra pessoa.

– Estou apenas deixando o caminho livre... Me desculpe, mas eu tenho que fazer isso.

– E se eu não aceitar? Se eu não aceitar essa situação, o que você vai fazer? O que você pode fazer?

– Eu não estou te dando essa opção, Fabrício, eu estou comunicando que, a partir deste momento, nós não namoramos mais.

– Você está desistindo de nós, Mirella... Eu nunca esperaria isso de você, não assim.

– Não faça com que eu me sinta culpada, por favor... Só estou fazendo isso porque é o certo a se fazer.

– Quem disse?

– Fabrício, eu estou dizendo e ponto. Não temos como continuar namorando enquanto eu tenho conhecimento da tensão que rola entre você e a Agatha. Eu não te culpo, mas isso está além do meu alcance. É por isso que estamos terminando aqui.

– Me desculpe se eu fiz você se sentir menos amada do que é, menos desejada do que é, menos importante do que é. Porque acredito que você não saiba o que está fazendo.

– Eu sei, sim. Quem não sabe o que está me pedindo é você. E eu não preciso te desculpar por nada, você sempre foi um ótimo namorado, mas eu não posso ser um obstáculo na vida de duas pessoas que, claramente, estão atraídas uma pela outra. Tchau, Fabrício.

Foi então que ele abaixou a cabeça e foi embora. Vê-lo abrir a porta e sair quase me fez correr atrás dele e pedir para ficar, as lágrimas já corriam livremente, meu coração se partia e eu sentia que dificilmente ele ficaria inteiro de novo. Mas continuei ali, parada.

Fico pensando no nosso encontro mágico na festa na casa da Samantha, em como fiquei encantada por ele, em como ele conversou comigo fazendo com que eu me sentisse a garota mais interessante do planeta, em como ele me olhava e como ficava nervoso quando começamos a nos encontrar aos fins de semana.

Não sei se terei isso de novo e, se tiver, sei que tudo poderá evaporar quando eu disser que tenho uma filha. Porque, por mais que digam que essas restrições são temporárias, eu sei que na prática não é bem assim.

Estou ouvindo (há dias) *Veja bem, meu bem*, dos Los Hermanos. Sem querer muita depressão na minha vida, mas é que essa música expressa exatamente o meu sentimento atual.

* * *

Os adolescentes possuem uma fama de impulsivos e imediatistas. Eu entendo que a maioria de nós é assim mesmo e, somado ao fato de acreditarmos que somos capazes de suportar muita coisa, vem a arrogância.

Apesar de querer ser mãe somente após o casamento e de um grande planejamento, eu acreditava não precisar necessariamente de um namorado ou de um marido ao meu lado. Afinal, mulheres do século XXI são incentivadas a não depender de uma companhia masculina. Mas agora, longe do Fabrício, eu não sei se serei capaz de continuar. Ele foi o meu primeiro namorado “sério”, nos conhecemos desde pequenos e, há um ano, tudo era perfeito. Os primeiros meses de namoro, a descoberta do sentimento, a percepção de que não estávamos mais no estágio de sobreviver somente com os olhares pelos corredores do colégio...

Não é comum um amor adolescente sobreviver até a fase adulta e vingar, mas eu acreditei no nosso sentimento, e no que queríamos um para o outro. Eu acreditei que era uma garota de sorte, e que tinha conhecido o meu futuro marido ainda na adolescência, que ia casar com o meu primeiro namorado.

Bom, ainda me considero uma garota de sorte pelo simples fato de ter sido a namorada do Fabrício. Ele é um bom rapaz e não é de se envolver com qualquer garota, ou à toa.

Mas, mesmo com tudo isso, a dor da separação é grande demais. Tê-lo ao meu lado, diante da revelação da condição da nossa filha, significou muito para mim. Agora eu tenho mais medo ainda porque, mesmo com o apoio da minha família, me sinto muito sozinha.

Um dia ele vai casar com outra mulher, e se a esposa dele maltratar a nossa filha? E se eles tiverem filhos “saudáveis” e ela ensinar suas crianças a maltratar a Raquel? Já será duro demais para mim ver que a mãe do Fabrício vai preferir os outros netos, não quero que a minha filha passe por esse tipo de situação.

E, além de tudo, o meu coração está apertado de tanta saudade. Eu tinha noção da minha força, mas enfrentar algumas coisas é pior do que eu imaginava.

Em alguns dias eu quero apenas esquecer de tudo, do mundo e do que as pessoas nele podem causar umas às outras.

Mas tenho que ser forte, eu sei, por mim e pela Raquel. Ela não tem culpa de nada e vai ser uma criança muito amada, por mim e pela minha família. Entretanto, ela precisa de um pai e eu preciso de um amor.

Dois dias depois que o Fabrício e eu terminamos o namoro, ele ligou aqui em casa e conversou com o meu pai. Disse que quer agir corretamente, que será um pai responsável e que não faltará nada para mim e para a Raquel.

Meu pai entendeu e não ficou surpreso. Na cabeça dele, um rapaz jovem como o Fabrício não ficaria muito tempo “preso” a alguém por causa de uma gravidez não planejada.

Uma visão bem machista, mas é assim que ele vê as coisas. Minha mãe admite que ficou decepcionada com o Fabrício, e eu nem cheguei a comentar com eles sobre a existência da Agatha.

Agora é tentar levar as coisas. Minha barriga está cada vez maior e preciso de roupas mais confortáveis. É ainda mais difícil escolhê-las quando se está grávida, parece que nada cai bem. Outro dia eu percebi que não passo mais por todos os lugares que passava antes, sinto vergonha. A catraca do ônibus, por exemplo, já se tornou um grande obstáculo. Pode parecer besteira e eu sei que não deveria me sentir assim, mas falar é fácil. Senti vergonha algumas vezes ao passar por uma rua onde moram algumas garotas com quem eu conversava, que possuem grandes planos como jogar tênis profissionalmente, ou trabalhar em uma importante revista de moda. Sei lá, vê-las faz com que pareça que eu escolhi propositalmente seguir outro caminho. Outras vezes parece que eu caí na armadilha do destino, e agora sou uma coitadinha. Odeio sentir isso.

Mas o pior de tudo é não ter mais o Fabrício por perto. Ele me ligava todos os dias e perguntava como ia a nossa filha, se ela tinha mexido bastante, e dizia que não via a hora de ela nascer. Ainda não tenho cabeça para imaginar como será vê-lo com outra pessoa e não posso excluí-lo da minha vida, nunca poderei fazer isso, nosso vínculo é eterno. Isso é terrível, como assim eu não posso excluir da minha vida alguém com quem eu não namoro mais? Gerar uma criança com o Fabrício tirou a minha liberdade de excluí-lo permanentemente, agora vou viver sabendo que um dia terei que vê-lo fazendo outra garota feliz.

* * *

O sistema em que vivemos aparenta ser muito evoluído em diversas áreas, mas eu acho isso péssimo. Por que uma pessoa, que quer esquecer o mundo, não pode ter um pouco de paz? Não, isso não é permitido, é preciso trabalhar, estudar e aparecer para compromissos sociais. Isso tudo me cansa. Se eu não quero estar disponível para o mundo, por que ele me obriga?

* * *

Estou tentando me manter no mesmo ritmo de antes. Colégio, produção de trufas (as pessoas sentem falta quando eu não as faço, acreditem), consultas médicas, academia, trabalhos e vida social. E ainda dizem que os adolescentes não têm com o que se preocupar, isso é muito desdém.

O Fabrício me ligou outro dia, quis saber sobre as consultas médicas e perguntou se eu precisava de alguma coisa. A vontade foi de responder que preciso dele, o pai da minha filha e o meu amor, ao meu lado. Mas lembrei de toda aquela cena no karaokê e disse que estava tudo bem, pelo menos por enquanto.

A ligação foi rápida, mas significou muito para mim. Confirmou o que eu já sabia: a Raquel e eu não ficaremos para trás. Mesmo que ele se renda a Agatha, nós continuaremos no coração dele, e isso é o mais importante.

Mas aquele carinho faz muita falta...

* * *

Cada um reage de maneira diferente ao término de um ciclo, mesmo que seja curto. Terceiro dia consecutivo em que a Jéssica falta ao colégio. Antes ela estava indo pelo menos às aulas, só deixava de comparecer às reuniões do clube do livro. A Adriana veio me procurar de novo, e eu nem soube o que dizer a ela. Eu não podia mais esperar, então passei na casa da Jéssica depois da aula, mesmo correndo o risco de ser posta para fora pela Dona Christina.

Para minha surpresa, ela me atendeu com cara de poucos amigos. Eu disse que estava preocupada com a Jéssica, que ela não respondia a nenhuma tentativa de contato, e que não me lembrava de tantas faltas consecutivas, exceto quando a Jéssica teve catapora na segunda série.

Eu esperava qualquer coisa, menos o convite de Dona Christina para comer um pedaço de bolo de laranja que ela mesma tinha feito. Estava muito bom e, enquanto comíamos, eu vi a preocupação de mãe estampada nos olhos daquela mulher. Ela me explicou que a Jéssica não tem feito nada nos últimos dias, se recusa a levantar da cama, não lê, não assiste TV, mal escova os dentes e toma banho e raramente come.

Depois de pensar um pouco a respeito fui ao quarto da Jéssica. Bati e ela não respondeu, então abri a porta deva-

gar. A janela estava aberta, provavelmente a Dona Christina havia se encarregado disso, o sol inundava o quarto e, ainda assim, Jéssica estava coberta e encolhida junto à parede. Ela me viu entrar e perguntou:

– O que você quer?

– Oi, Jéssica. Tudo bem? Eu vim te ver, estou com saudades de você, faz dias que você não aparece na aula.

– Oi...

Puxei uma cadeira, sentei e olhei melhor para minha amiga, que parecia outra pessoa.

– Quer andar um pouco hoje durante a tarde? O dia está lindo, podemos ir ao parque, o que você acha?

– Não quero, Mi. Obrigada...

– Jé, me diz uma coisa... Isso tudo é por causa do Davi?

– Isso não te interessa, você não sabe o que é ter o seu coração despedaçado.

– Vou te explicar algo que eu não queria, mas você precisa enxergar. O Davi não prometeu nada, não é verdade? Eu te entendo por ter se interessado tanto por ele, se trata mesmo de um rapaz atraente e com muitas qualidades, mas Jé... Foi você quem projetou tanta coisa nele... Me desculpe por dizer isso, mas é necessário. Ele não se comprometeu em nenhum momento, pelo que eu saiba. A minha mãe sempre me diz uma coisa, que eu acho que serve perfeitamente para essa ocasião: nós temos que buscar a felicidade em nós mesmos, e jamais deixar que outra

pessoa seja responsável por ela. Esse é um erro cometido por muitos, Jéssica. Não quero que você fique assim, temos apenas 17 anos e várias outras pessoas vão passar pelas nossas vidas. O meu coração também está partido, o Fabrício e eu nos separamos em uma situação diferente da sua, mas ainda assim é uma separação, e eu sinto falta dele todos os dias.

– Tudo bem, eu entendi.

– Ei, quer ir lá em casa e me ajudar a fazer trufas depois do almoço?

– Obrigada, mas não estou no pique.

– Bom, – respirei fundo – eu preciso ir mas, por favor, tente voltar para o mundo real. Você faz falta nele.

– Vou tentar – ela respondeu, seca.

Vim para casa com o coração apertado. Esse tipo de coisa não é normal, eu acho. Já vi garotas da minha sala sofrendo por amores não correspondidos, mas nunca vi a vida de uma adolescente parar por conta disso.

* * *

A produção de trufas está a todo vapor. Ontem, eu quase não saí da cozinha depois do almoço; aproveitei que tinha pouca lição de casa e acelerei a produção. Confesso que estou surpresa com o retorno que estou tendo. A minha mãe me deu algumas sugestões de receitas novas que deram

certo, estamos muito contentes com isso. Significa muito para mim poder comprar coisas para a Raquel sem depender totalmente da minha família, e do Fabrício. Eu jamais poderia imaginar isso, mas todos nós estamos propensos a nos surpreender, não é verdade?

Filme do dia: *As Bicicletas de Belleville*. Que animação mais lindinha!

Junho de 2011

Começaram os preparativos para a formatura do colégio, e eu estou perdida e sem ânimo algum. Primeiro porque eu nem sei se me formarei este ano, depois porque não sei como estará o meu corpo após o parto. E ainda tem a certeza dos olhares me julgando por comparecer à formatura com uma filha nos braços. Não, não quero nada disso. Tudo o que eu quero é um pouco de paz e tranquilidade.

*All I wanna do is have a little fun before I die**, canta a Sheryl Crow e faz tudo parecer tão sereno, como se não houvesse problema algum na vida das pessoas. Talvez

* Tudo o que eu quero é ter um pouco de diversão antes de morrer. [Tradução livre]

seja o propósito de cada compositor, fazer com que as pessoas que ouvem suas palavras se esqueçam dos problemas durante aqueles minutos. Isso é bom.

A saudade que eu sinto do Fabrício é crescente. Quero de volta os carinhos, o cuidado, as conversas, os planos, ver sua empolgação ao ouvir *Carry On My Wayward Son*, da banda Kansas, quero que ele passe a mão no meu cabelo e diga que eu sou linda. Quero passear com ele no parque aos domingos de manhã, tomar uma água de coco e ouvir *Green River*, do Creedence Clearwater Revival.

Ver o moletom dele no meu quarto é doloroso demais. Outra noite eu o vesti, só para sentir o perfume do dono, que foi embora e levou o meu coração.

Sei que todos os desiludidos dizem isso, mas eu realmente não quero me apaixonar de novo. Dói demais. Por que temos que passar pela experiência de formar vínculos, se eles serão quebrados? É comum ouvirmos histórias de antigos amores de pessoas casadas há bastante tempo, mas eu não quero passar por uma nova experiência sentimental com um possível fim. Imaginar que momentos tão bons e inesquecíveis podem gerar lembranças que te farão chorar por horas no futuro é um paradoxo.

Por tudo isso, eu prefiro planejar uma boa criação para a minha filha e a formação de uma grande vida acadêmica e profissional, além de viagens com a minha família. Com amigos também, talvez. Mas percebo que eles são difíceis de

manter, e fazer novas amizades demanda tempo, disponibilidade e interesse de ambas as partes.

Faço todos esses planos enquanto desejo o Fabrício perto de mim e, ao mesmo tempo, tento me livrar de tudo o que sinto por ele, mas é muito difícil.

* * *

Durante o intervalo da aula o Rubens, que faz parte do clube do livro, me procurou, e parecia muito aflito com a ausência da Jéssica há tantos dias e seu isolamento. Neste caso, é necessário levar em consideração a timidez do garoto. O Rubens estudou comigo e com a Jéssica na sétima série, era um aluno mediano em tudo o que envolvia matemática, mas um dos melhores da sala nas outras matérias. Quando precisava falar na frente de todos, a voz dele quase sumia e ele ficava todo encolhido, era de dar dó.

Mas neste momento, para falar da Jéssica, ele não parecia ser a mesma pessoa retraída. Nós dois nunca tivemos muito contato no colégio, e nenhum fora dele, mas eu já sabia que a Jéssica e ele fazem parte do clube do livro.

Eu disse que a visitei, mas que não sei quando ela voltará a frequentar as aulas. Foi então que ele me entregou um embrulho – um presente – e me fez um pedido:

– Será que você pode entregar a ela? Eu ficaria meio sem jeito de ir a casa dela sem um convite, mas você é bem

próxima a ela, né? E eu tenho trabalhos para fazer depois da aula.

– Claro, Rubens. Eu vou dar uma passada por lá hoje durante a tarde e entrego, tenho certeza de que ela vai gostar de saber que alguém do clube perguntou por ela – eu disse, pegando o presente.

– Você pode aproveitar e dizer a ela que... Eu estou com saudades?

– Posso, sim. Mas sabe o que seria bacana? Se você mesmo dissesse a ela. Vamos fazer o seguinte: eu entrego o presente e daqui a um ou dois dias, se ela não voltar a dar sinal de vida, nós dois vamos a casa dela e você diz isso pessoalmente. Tudo bem?

– Não sei, Mirella...

– Bom, eu te dou um toque se ela disser algo, O.K.?

– O.K. Obrigado.

Como assim? A minha amiga choramingando por um rapaz que não quis nada com ela, enquanto alguém superbonito (o Rubens parece um adolescente saído de um seriado americano), inteligente e que tem os mesmos interesses, se derrete por ela? Esse mundo está mesmo de ponta-cabeça, só pode!

Bom, o presente foi entregue (era o livro *Um Conto de Natal*, do Charles Dickens) e eu pensei que a reação seria mais animada, mas parece que a “recuperação” da Jéssica vai mesmo demorar.

* * *

Filme do dia: *Ninguém Pode Saber*. Eu não conhecia o trabalho do Hirokazu Koreeda, foi a Sofia quem comentou a respeito comigo. Comecei bem, este filme é supersensível.

* * *

Outro dia o Fabrício veio em casa trazer umas roupinhas que comprou. Claro que o coração bateu mais forte. Foi estranho no começo, mas depois as coisas ficaram mais tranquilas. É que sempre fomos próximos, e eu sinto como se ainda houvesse uma conexão entre a gente. Conversamos bastante, ele está planejando comprar o berço em breve e, antes de ir embora, me deu um abraço bem apertado. Não falamos sobre nós dois, acho que ainda não é a hora.

* * *

Estou muito feliz, porque tive um ótimo fim de semana fazendo muitas trufas. Minha mãe sempre vai ao salão de beleza aos sábados de manhã para fazer as unhas, e tem vendido bastante para as cabeleireiras, manicures e esteticistas. Juntando com o que consegui nas semanas anteriores, saí com a Júlia e fomos comprar roupinhas para a Raquel. É engraçado ver a minha irmã babando em quase

tudo que um bebê pode vestir, ela nunca foi muito receptiva a crianças.

Foi tudo muito gostoso, mas eu imaginava que teria a experiência da gravidez em outro momento. É difícil juntar a primeira quantia que ganhei em dinheiro para montar o enxoval da minha filha, e escolher tudo com muito cuidado para que caiba no meu bolso. Eu costumava acreditar que, quando engravidasse, teria dinheiro o suficiente para montar um enxoval lindo, do jeito que eu quisesse. Acreditava que compraria tudo com um marido ao meu lado, e que a minha barriga de grávida seria exposta a todos com muito orgulho.

Porém, tenho que reconhecer que as coisas não são bem assim. Ainda estou tentando lidar com o fato de que eu não preciso, e não devo, sentir vergonha da minha barriga. Ela é linda e indica que tem uma vida lá dentro. Tenho que mostrar aos outros a todo momento que não preciso de um marido ao meu lado para ter um filho, mas tenho que reconhecer que a figura paterna é muito importante na formação de uma pessoa. Entretanto, o fato de ter uma figura masculina presente durante a gravidez tem mais a ver com passar segurança, e manter a autoestima da mulher. Diante da constante mudança no corpo, ter alguém ao seu lado (que não seja seu pai ou sua mãe), se preocupando com o seu estado psicológico e físico ajuda muito.

E o que eu acho mais triste é o fato de discutirmos isso em 2011. Como assim? Nós (a sociedade) já superamos tan-

tas coisas, né? A escravidão (pelo menos oficialmente), o direito da mulher de votar, a liberdade na escolha da profissão, apesar de alguns paradigmas, a quase aceitação de homossexuais, a evolução da discussão sobre legalizar ou não a maconha, a questão do aborto (em progresso); e é o fato de uma adolescente engravidar que ainda gera olhares maldosos.

Ontem eu percebi o olhar de desdém vindo da professora de português, a Dona Elenice. Discutimos em sala o que pretendíamos fazer após o colégio e ouvimos os mais variados planos. Tem gente querendo virar jogadora de vôlei ou jogador de handebol profissional, modelo, escritor, radialista, historiador, comissária de bordo, guitarrista de uma banda famosa, cineasta, atriz, artista plástico, jornalista... Eu achei isso tudo ótimo, até que chegou a minha vez de falar sobre as minhas intenções. Deixei claro que quero me formar em História e, logo no começo, Dona Elenice questionou como eu farei isso com um filho nos braços. Assim, sem dó, nem piedade. Eu nem tive tempo de dizer que quero especializar-me na história do Reino Unido e escrever livros a respeito, além de dar aulas.

E o pior, quando eu comecei a explicar que minha filha não vai atrapalhar a minha vida acadêmica, no máximo atrasá-la em um ano; alguns colegas de classe começaram a questionar como eu faria para estudar, trabalhar para manter a criança e não jogar a responsabilidade para cima de outra pessoa.

Não sei como não pirei na hora. Me senti totalmente acuada, ainda bem que a Samantha estava perto de mim, e fez questão de segurar a minha mão. Acho que teria desabado no choro, se não fosse por ela.

Eu mal pude explicar que já comecei a trabalhar em casa fazendo trufas, e que acredito que posso prosperar, que minhas vendas vão muito bem. Com isso, eu teria a comodidade de gerar dinheiro trabalhando em casa. Se eu estudar durante a manhã, posso deixar leite antes de sair, e devo chegar em casa antes do almoço. Terei sorte se a Raquel dormir boa parte da manhã, assim minha mãe e a Júlia não ficarão tããõ ocupadas com ela.

É mesmo uma pena que tudo isso não importe para aquelas pessoas. Minha mãe está muito feliz por eu não ter desistido dos meus planos, e a Jéssica e a Samantha vivem dizendo que eu sou corajosa. Mas parece que aqueles presentes na sala de aula preferem que eu vire uma eterna dependente financeira da minha família, e que abra mão de tudo o que eu planejei para que eu “pague o preço” por ter transado.

Isso me deprime.

* * *

Mundão pequeno.

Estava eu em uma livraria procurando um livro bacana para mães jovens, quando senti alguém cutucar o meu om-

bro direito. Como eu estava bastante entretida com o livro, levei um susto antes de me virar. Para a minha surpresa, era o Paulo, irmão da Agatha.

– Ops, me desculpe, Mirella. Não quis te assustar – ele disse, levemente preocupado pelo susto que me deu.

– Oi, Paulo. Tá tudo bem, é que eu estava distraída, nem precisava pedir desculpas – me recuperei do susto e consegui abrir um sorriso sincero. – Mas então, como vai você?

– Estou bem, resolvi passar por aqui enquanto espero dar o horário de sessão do filme. Hum... Vejo que você está se preparando para a chegada da sua garotinha, né?

– É necessário, né? Se mulheres perto dos trinta anos, casadas e com uma gravidez planejada precisam de livros como esses, imagine eu então com 17 anos, solteira, terminando o ensino médio e grávida de uma criança com Síndrome de Down.

– Oi? Como é? – ele me olhava surpreso – Down?

– É... Eu não sei se você sabe, mas a Raquel tem Down. Os médicos diagnosticaram no ultrassom morfológico.

– Eu não sabia... Escuta, quer beber um café ou um suco? Eu ainda tenho uma hora até o filme começar, e o cinema fica ali na frente.

– Mas você não está esperando ninguém? Com quem você vai ao cinema?

– Estou esperando a Sofia, que deve chegar em meia hora. Um amigo da faculdade também ia, mas seu pai que-

brou a perna hoje de manhã jogando futebol, então ele está de babá do velho.

Fiquei em dúvida se deveria aceitar, mas acabei cedendo. Quis ser simpática e não faria mal algum. Deixei os livros na prateleira, escolheria em outra hora. Fomos para o café da livraria; eu pedi um suco e ele um café.

Quando sentamos, ele recomeçou a conversa:

– Não sabia que a tecnologia estava tão avançada assim. Quer dizer então que, mesmo antes da sua filha nascer, os médicos diagnosticaram a síndrome de Down?

– Pois é...

– Bom, não sei o que dizer, Mirella. Eu não sou pai, e não me imagino em uma situação como essa, mas me parece ser “menos pior” saber antes do nascimento. Estou falando bobeira?

– Não está.

– Se estiver, pode falar, por favor. Detestaria dar uma bola fora com você. Continuando... Eu imagino que saber da condição da criança após o nascimento seria pior ainda por causa da surpresa, entende? Ao menos você, o Fabrício e suas famílias podem se preparar psicologicamente, não é verdade?

– O que você diz faz total sentido, Paulo. É mesmo “menos pior” saber da condição da Raquel antes de seu nascimento, mas, ao mesmo tempo, parece que eu faço todos sofrerem por antecipação, sabe?

– Você?

– Bom, a criança está dentro de mim, né?

– Uau, que pensamento mais medieval, Mirella.

– Eu sei... Mas é difícil ser pouco exigente quando se é mãe.

– Não duvido, apesar de não conseguir me imaginar no seu lugar.

– Essa não é a parte mais difícil, sabe? Eu posso aguentar olhares me julgando. O que às vezes me tira o sono é outra coisa.

– O quê?

– Paulo, você já conviveu com alguma criança portadora de Down? Alguma que tenha estudado com você, ou que morasse por perto? De repente, até mesmo o filho de algum casal amigo dos seus pais?

– Quando eu era mais novo fui vizinho de um garoto com a mesma limitação, mas não posso te dizer como era o dia a dia dele, porque nunca fomos muito próximos, Mirella. Eu via-o de relance, sabe? No elevador, na entrada do prédio, às vezes na rua, mas nunca passou disso. Lembro que um dia ele saiu de casa sozinho e seu pai ficou desesperado. Encontraram o garoto depois de umas duas horas e ele estava bem, foi apenas um susto.

– Você não conviveu com crianças com Down porque elas são discriminadas, Paulo. Poucas escolas aceitam alunos “assim”, e as que aceitam parecem fechar os olhos para

o bullying pelo qual essas crianças passam. E só de pensar no que a Raquel vai enfrentar eu tenho vontade de sumir. Já ouvi até mesmo a mãe de uma amiga dizer que a culpa de tudo isso é minha, que engravidar na adolescência, principalmente fora do casamento, dá nisso – quando percebi, meus olhos estavam cheios de lágrimas e eu não tinha mais como disfarçar.

– Calma, calma, calma. Por favor, Mirella, você está carregando muita coisa nas costas e não tenho certeza de que isso esteja certo.

– Me desculpe...– eu disse enquanto enxugava os olhos.

– Não precisa pedir desculpas, está tudo bem. Escuta, quer ver o filme comigo?

– Quê?

– É claro, se você não tiver nenhum compromisso marcado. É que eu comprei os ingressos ontem pela internet, e como o meu amigo não pode ir, está sobrando um. Eu convidei a minha irmã, mas ela foi passar o fim de semana no sítio dos meus tios. De repente pode fazer bem a você, sabe? Relaxar um pouco e esquecer os seus problemas, nem que seja por uma hora e meia.

– Hum... Que filme é?

– *Como Arrasar um Coração*. Não pense mal de dois homens querendo ver uma comédia romântica – ele se apressou em se justificar diante da minha surpresa. – Somos estudantes de cinema que querem saber o que rola na França,

além dos belíssimos filmes voltados para um público bastante crítico.

– Não estou aqui para julgar ninguém – brinquei.

– E então, o que me diz? Acho que você pode gostar do filme, eu te levo em casa depois.

Acabei aceitando e foi bem legal. A Sofia chegou meia hora antes do filme começar e, como sempre, foi supersimpática. Ela conhece muitos filmes europeus e gosta de indicar o que não está em evidência, o que faz a gente se sentir bem, é o que ela faz no ofabulosoblogdesofiasoares.blogspot.com. Tudo de maneira simples e rápida, sem falar da iluminação, detalhes e filosofia. Ou seja, são indicações para mim, com certeza.

Demos bastante risada, nos divertimos muito e, como prometido, o Paulo me trouxe em casa depois do filme. Acabei confessando durante o trajeto que valeu a pena, eu estava mais calma e relaxada. Não faltou assunto a noite toda.

Mas, ainda assim, foi estranho. Parece que quanto mais eu tento me afastar da Agatha e de tudo o que me faz lembrar ela, mais próxima eu fico. A companhia do Paulo é bastante agradável, eu confesso, mas tudo é muito estranho.

Em nenhum momento falamos do Fabrício ou da Agatha, além da informação de onde ela está passando o fim de semana. Então eu deduzi que ele sabe que não namoro mais, e que a sua irmã foi um fator decisivo para que isso acontecesse.

* * *

Às vezes eu sinto horror à nossa capacidade de ter os sentimentos errados pelas pessoas erradas. Todas as nossas emoções me parecem mal justificadas.

Hoje eu tirei o dia para conversar com a Jéssica e foi muito bom. Eu estava com muitas saudades e bastante preocupada. Nossa conversa foi bem franca, ela me disse que conversou recentemente com o Rubens e que destruiu os sonhos do rapaz. Eu fiquei indignada no começo, mas depois fui forçada, pelas palavras duras da Jéssica, a encarar e aceitar a realidade. O ponto alto do nosso diálogo foi o seguinte:

– Mi, eu acredito, de verdade, em certas situações que nos permitem conquistar uma pessoa aos poucos, mas também acho que pode acontecer do “objeto de desejo” saber que não vai rolar. Eu não tenho o menor interesse romântico no Rubens. Admito que ele é muito inteligente, e que tem características que agradam muitas garotas, mas não rola química entre nós e, sem isso, não acho que vale a pena. Quando o assunto é relacionamento, eu prefiro ser guiada pela emoção e não pela razão.

– Entendi, Jéssi. Quer dizer, eu acho que entendi, não brigue comigo. É que, para mim, é complicado ver que tem alguém tão bacana interessado em você, enquanto você prefere ficar sozinha.

– Eu não prefiro ficar sozinha, Mi. Mas não acho certo um rapaz substituir o outro. Eu tenho interesse no Davi, não acho justo eu apenas “passar o tempo” com o Rubens porque o Davi não me dá bola, mas isso tudo me ajudou, sabia? Quando eu percebi que nada do que o Rubens fizesse poderia fazer com que eu correspondesse a seus sentimentos, vi que o mesmo ocorre com o Davi. Por mais que eu goste dele, não sou correspondida, e a culpa não é de nenhum dos dois. Ele estava certo quando disse que não pode escolher por quem se apaixonar, e eu também não posso.

– Ai, por quê, me diz, por quê? Jéssica, essa confusão de sentimentos, esses desencontros, tudo isso é tão injusto... Por que temos que passar por essas coisas que são tão complicadas? Não faz sentido.

– Na verdade, não é assim tããããã complicado, sabe? São as pessoas que complicam, na essência os relacionamentos poderiam ser mais simples.

– Não concordo, mas não vou discutir com você. Deixemos assim.

Bom, ela voltou a frequentar as aulas e o clube do livro, mas está tudo muito corrido, porque semanas consecutivas ausente acumulam muitas coisas. Ainda assim acho que ela dá conta, o problema é que, apesar de ter voltado com as suas atividades rotineiras, e querer aparentar que passou por cima do problema, seus olhos não brilham mais como antes e isso é absurdamente triste.

Já ouvi relatos de pessoas que entraram em depressão por causa de um amor, mas poxa vida, nós temos só 17 anos, e o que ela teve com o Davi nem foi uma coisa séria. O triste de tudo isso é que estou percebendo que a depressão pode afetar também a nós, adolescentes com planos, sonhos e alguma inocência em acreditar que o mundo pode ser bom conosco.

Tudo bem, de alguma maneira eu tinha que aprender isso. Só acho uma pena que seja através da Jéssica, que eu amo tanto.

* * *

Contra a minha vontade, excluí o Fabrício de todas as redes sociais. Por mais discretos que a Agatha e ele tentem ser, sempre aparece alguma coisa relacionada aos dois, e eu não preciso testemunhar isso. Não sei a que pé andam as coisas entre eles e prefiro não saber.

O Fabrício veio em casa outras vezes, mas ainda é estranho. Há dois meses eu tinha a certeza de que tudo ia muito bem, e agora eu o evito. Quanta reviravolta!

O que me conforta é a empolgação dele quando falamos na Raquel. Boa parte do enxoval da nossa filha já está a sua espera e, em breve, providenciaremos o berço.

O Matheus também tem ajudado bastante. Talvez seja porque ele não tem filhos, mas criou Fabrício e Elaine como se fossem do seu próprio sangue. É como se ele se realizasse

através do Fabrício e, por isso, está bastante empenhado em proporcionar à Raquel tudo o que ela merece, e fico muito feliz com isso.

* * *

Minha barriga já está bastante visível agora, e às vezes eu não tenho vontade de ir para o colégio porque me lembro de como os ônibus estão cheios pela manhã. Isso não é o pior, ainda tenho que aguentar os olhares de pessoas mais velhas, que me julgam pelo simples fato de eu estar com o uniforme do colégio enquanto a minha barriga cresce. Não sei se eles acham que seria mais apropriado eu parar de estudar por conta da gravidez (como podem ter um pensamento como esse?), ou se me olham porque nenhum deles teve um filho não planejado.

Ainda bem que eu tenho uma irmã disposta a me levar ao colégio, e dar carona também para a Jéssica.

Mas o desconforto não para por aí. No último fim de semana eu fui para a praia com a mãe e os avós da Samantha. A Jéssica também foi conosco e nos divertimos muito, mas é estranho, sabe? A minha barriga já é visível e, por mais que elas façam o máximo possível para que eu me sinta enturmada, as coisas são diferentes. Quem passava e achava que eu era irmã da Samantha, olhava para sua mãe de modo intimidador, como se ela não tivesse me dado uma boa criação. Os garotos

passam e olham para as minhas amigas, enquanto eu sou vista com olhos de piedade. Não precisava ficar me admirando, mas por que esse olhar? Eu não sou nenhuma coitadinha, tenho saúde e uma família que me ama. Muitos me olham como se a minha vida tivesse acabado, e isso não é verdade. Ela se tornou mais difícil, sem dúvida, mas sei que, com muito esforço, eu vou conseguir realizar boa parte do que eu quero.

* * *

Decidi enfrentar a dor da lembrança e passear no parque domingo de manhã, um dos meus programas preferidos com o Fabrício. Mas, ao invés de ir ao Ibirapuera, fui ao Villa-Lobos, porque não queria correr o risco de encontrá-lo, sozinho ou com a Agatha (seria como um carimbo garantindo que eu fui substituída). Uma das grandes vantagens de morar em uma cidade grande como São Paulo é ter opções. Se eu não quisesse ir ao Villa-Lobos, ainda teria outros parques para visitar.

Chamei a Jéssica para ir comigo. Foi estranho. Quer dizer, a Jéssica é uma ótima companhia, muito atenciosa e tem um bom papo, mas ainda assim foi estranho. Talvez por eu estar acostumada a fazer o mesmo passeio com o Fabrício. Espero que aos poucos isso mude.

Tomamos água de coco, caminhamos, deitamos na grama, trocamos confidências, até que demos de cara com o

Paulo. Ele estava acompanhado da Sofia, que nos apresentou ao seu irmão gêmeo Tullio, um rapaz ruivo de cabelos que batem nos ombros. O rapaz não conseguiu tirar os olhos da Jéssica até nos despedirmos. Eles estavam com o cachorrinho do Paulo, um vira-lata adorável chamado Tuti. Me apaixonei por aquele cachorro, foi amor à primeira vista. Brincamos boa parte da manhã com ele, até que chamei a Jéssica para ir embora, pois o sol mais intenso começou a me incomodar.

O Paulo estava de carro e insistiu em nos trazer em casa; acabamos aceitando, e achei simpático de sua parte. Mas tenho a impressão de que posso acabar sendo rude ou grossa sem que ele mereça. Eu acho o rapaz muito atencioso e solícito, mas não consigo deixar de lembrar que se trata do irmão da Agatha. A imagem dela está muito ligada ao término do meu namoro com o Fabrício.

A Jéssica ficou aqui em casa para o almoço depois do passeio. Ela acredita que o Paulo possa estar interessado em mim, mas acho difícil uma moça com uma barriga de grávida atrair um rapaz que não seja o pai da criança.

* * *

Fabrício continua ligando para o meu pai e perguntando como vai a evolução da gravidez. Como o meu pai tem uma visão machista e antiquada sobre uma mulher grávida,

e sua posição na sociedade, apesar de tentar disfarçá-la, é sempre educado com o meu ex-namorado. Ele concordou que o Fabrício deve presenciar o parto, além de garantir que o avisará quando a hora chegar.

Por favor, né? Que invasão de privacidade! Eu sou a mãe da criança que vai nascer, eu escolho quem poderá me ver gritando de dor no hospital, enquanto meu corpo estiver prestes a explodir.

Deixei bem claro ao meu pai que as únicas pessoas que poderão me acompanhar na sala do parto serão a minha mãe e a minha irmã.

* * *

Pode ser que ninguém acredite, mas o Paulo me ligou hoje. Sim, o Paulo, irmão da Agatha. Me convidou para um evento bacana na sexta, a pré-estreia da comédia romântica *Românticos Anônimos*, com a presença do diretor, um francês chamado Jean-Pierre Améris.

Eu não respondi na hora, preferi conversar a respeito com a Júlia e pedir sua opinião. Ela acha que eu devo ir, que pode ser uma boa oportunidade para eu me divertir e cultivar uma amizade. Disse também que, caso ele tenha esperanças de que futuramente nós possamos ter algo “a mais”, é um sinal de que não será a Raquel quem irá afugentá-lo.

Ainda assim é estranho, mas já confirmei com ele que irei e estou mesmo animada. Nunca fui a um evento do tipo antes, nem com a Júlia.

* * *

É oficial, estou fora dos planos da formatura.

Os preparativos são enlouquecedores e eu nem sei se vou conseguir. O primeiro semestre está acabando, a época de provas está chegando, tenho estudado para o vestibular e não tenho condições de pensar em um vestido para usar daqui a vários meses.

Nunca pensei que isso fosse acontecer, mas tenho tantas coisas mais importantes e urgentes para pensar antes de uma festa de formatura, que ela quase se torna algo fútil. E pensar que imaginei tantas vezes como seria...

Deve fazer parte do amadurecimento, desapegar de coisas que faziam parte dos seus planos, mas que você nunca alcançou.

Talvez aconteça o mesmo em relação às pessoas, e tenhamos que aceitar viver sem elas por perto, por mais que desejamos a presença de alguém em especial.

Mas eu gostaria de ter a opção de acreditar que tudo isso é apenas um pesadelo, e que o Fabrício e eu ainda ficaremos juntos. Apesar de uma voz baixinha dizer na minha cabeça que eu preciso aprender a viver sem ele, e seguir com a minha vida.

* * *

Mundo pequeno?

Não. O mundo é do tamanho da ponta de uma agulha.

A Samantha disse que queria conversar comigo fora do colégio, então viemos aqui para casa depois da aula.

O campeonato de vôlei começou com antecedência este ano, entre outros motivos, porque alguns olheiros estão circulando entre os jogos e, talvez, alunos dos colégios da cidade podem ser selecionados para tentar uma carreira profissional.

Em um dos colégios em que a Samantha jogou ela conheceu um rapaz negro, alto, simpático, que cursa Educação Física e faz estágio na área. No primeiro momento deixei passar, mas aí ela me olhou com cara de surpresa e depois disse:

– Não é óbvio??? É o Davi!!!

– Mas que Davi, Samantha?

– O da Jéssica!

– Como assim?

– O Davi que estava ficando com a Jéssica, oras. Eu juro que não tive culpa, Mi. O jogo foi no sábado, nós nos esbarramos assim que eu cheguei no colégio, depois do jogo do nosso time nós conversamos um pouco e ele me chamou para ver a seleção brasileira de vôlei jogar no Ginásio do Ibirapuera, no domingo de manhã. Eu nem percebi que era o mesmo Davi de quem a Jéssica falava, até porque ela não nos apresentou. Depois do jogo no ginásio, fomos ao

parque, caminhamos, tomamos água de coco e foi isso. Mas tenho que confessar, estou encantada por ele.

– Vocês ficaram, Samantha?

– Não! Estamos conversando e nos conhecendo, mas temos tanta coisa em comum! Acredita que ele também tem família em Santa Catarina? Não só em Florianópolis, mas em Joinville também.

– E como foi que você percebeu que era o mesmo garoto por quem a Jéssica chorou enlouquecidamente?

– Ele me perguntou em qual colégio eu estudo, não lembrava do nome no uniforme usado no dia anterior e, quando eu falei, ele disse que conhecia uma garota de lá. Mencionou que eles ficaram um tempo, que ela é uma graça, muito legal e inteligente, mas que não havia aquela química pela qual ele tanto preza, e depois ainda falou o nome dela. Eu quase caí para trás.

– Ai, mas com tantos rapazes no mundo, como essas coisas acontecem?

– Não me pergunte, Mi. Estou com medo do que a Jéssica pode pensar. E se ela achar que nos conhecemos antes de ele dar o fora nela, e que eu sou a culpada pela separação deles?

– Vire essa boca para lá, mulher, um passo de cada vez. Primeiro vamos ver até onde vão esses encontros casuais. Vocês têm algo marcado para os próximos dias?

– Ainda não.

– Então, vamos esperar.

Julho de 2011

Nem acredito que finalmente estou de férias! E tem mais, nem acredito que a minha nota mais baixa foi 8,0, em física (como odeio!).

Mesmo com tudo sendo tão difícil, não quero desistir do vestibular ainda em 2011, muito menos repetir o 3º ano do ensino médio. Isso está fora de questão.

Vou aproveitar essa “pausa” para tentar aumentar a produção de trufas, e ajudar a minha mãe com os bolos que ela faz para vender nos fins de semana. Ler alguma coisa que eu não tive tempo antes, e assistir programas de TV esquecidos. Sei que pode parecer planos muito bobos e inúteis, mas sei também que, em um ano, eu não terei tempo para fazer coisas desse tipo. Um bebê ocupa todo o tempo disponível que uma pessoa pode ter, e quero me dedicar ao máximo a Raquel. Já a amo tanto...

* * *

Fui à pré-estreia com o Paulo!

Nem sei por que eu estava tão nervosa com o que poderia parecer, afinal a Sofia e o Tullio também estavam lá.

Gostei bastante da experiência, e o filme é mesmo uma gracinha. A companhia também. O Paulo e seus amigos são bastante atenciosos e nós temos diversos assuntos em comum. A Sofia e o Tullio têm uma prima que também quer cursar História, e conversamos sobre as opções profissionais que teremos.

O que eu mais gostei na conversa que tive com os três foi do fato de não me sentir excluída, ou diferente deles por estar grávida. Me senti uma adolescente normal pela primeira vez em meses.

E a surpresa da noite foi o Tullio perguntando pela Jéssica. Mais um rapaz interessado na minha amiga, espero que dessa vez ela não deixe a chance passar.

Notei também os olhares de Sofia direcionados ao Paulo. Não sei se foi impressão minha, mas acho que ela gostaria que entre eles rolasse algo mais do que amizade.

A propósito, visitei o blog da Sofia e gostei bastante. É exatamente como o Paulo me disse: ela indica, em poucas palavras e em uma linguagem bem simples, filmes que nem sempre estão em evidência, principalmente entre os adolescentes. Às vezes, o que precisamos é de alguém que nos mostre algo; deve ser por isso que muita gente pensa que os jovens gostam apenas de filmes com explosões, perseguição e violência gratuita. Claro, os super-heróis estão dominando o mundo do cinema, mas eu tenho fé de que os jovens são capazes de consumir muito mais do que isso. Precisamos

apenas descobrir o que tem de bom por aí, e é isso o que a Sofia faz. Recomendo seu blog.

* * *

Morar perto da casa do ex-namorado pode ser uma das piores coisas do mundo.

Eu sempre fico apreensiva porque é tudo muito perto, podemos nos encontrar na padaria, na farmácia ou até no supermercado. Por sorte, o Fabrício é bastante ocupado. Estuda, faz estágio, joga rugby e acaba ficando boa parte do dia fora de casa.

Mas, uma hora ia acontecer.

Ontem a Júlia me levou a uma festa em seu trabalho. Era uma comemoração bem legal, pela primeira vez a equipe em que a Júlia trabalha vai fazer a cobertura de um importante evento de cinema no exterior.

Chegamos em casa por volta de 23h30, quando passamos na frente da casa do Fabrício eu reconheci o carro em que a Agatha foi embora no dia do aniversário dele. Vi também o Fabrício descendo do carro e mandando um beijo.

Ver aquela cena era tudo o que eu não precisava. Pensei que eu estivesse na fase de recuperação, de aceitar que ele encontrou outra pessoa, mas às vezes o coração é egoísta. Não aceito e não quero. Posso dizer que desejo a felicidade dele, mesmo que com outra pessoa, mas a verdade é que eu

o quero ao meu lado, um cuidando do outro e os dois cuidando da Raquel.

Liguei para ele quando cheguei em casa, disse que queria saber como iam as coisas. Ele ficou surpreso, mas pareceu contente com a ligação.

– É muito bom ouvir a sua voz, Mi. Com frequência eu penso em te ligar para saber como você e a Raquel estão, mas depois me lembro que preciso respeitar a sua decisão... É uma pena.

– E o passeio com a Agatha, como foi?

– Oi?

– Eu passei na frente da sua casa há cinco minutos, vi você descendo do carro dela. Vi você mandando beijo para ela – as lágrimas começaram a rolar novamente – E você me fala essas coisas em seguida? Como pode ser tão sangue-frio?

– Mi, estamos de férias da faculdade, mas tivemos uma prévia de um projeto que precisaremos desenvolver no próximo semestre. Nosso grupo se reuniu hoje para discutir a respeito e depois ela me trouxe em casa. Insisto em dizer que não há nada entre nós dois, Mirella. Se você me disser que não gosta mais de mim, eu aceito, mas não me atribua a culpa pelo fim do nosso relacionamento. Eu amo você e estaríamos juntos se você ainda quisesse. Por que você passou a ter atitudes tão imaturas depois que engravidou?

– Imatura? Do que você está falando? Deixa eu te explicar uma coisa, é tudo muito bonito, o que você sempre

diz de querer ser um pai presente e ver tudo acontecer, mas para você é tudo muito simples, não é? Não é você quem não pode sentir cheiro de salsicha, leite ou queijo. Não é você quem pode perder um ano da vida acadêmica por estar no meio de uma gestação, afinal você já começou a faculdade e está adorando tudo, principalmente as colegas de classe, não é? Não é você quem está ganhando peso a cada dia, e sabe que em poucas semanas será muito difícil encontrar uma posição confortável para dormir. Não é você quem recebe olhares de julgamento na rua o tempo todo, e que passou a ser considerado uma má influência para seus amigos, por ter escolhido um “caminho diferente”. Você não foi chamado de “pistoleira” por ter engravidado de um rapaz que vem de uma família que vive confortavelmente. Os seus hobbies, como o rugby no fim de semana, não foram ameaçados. Você não precisa cancelar os seus passeios de sábado à noite por pelo menos dois anos, isso se depois desse tempo, alguém resolver ser caridoso e cuidar da sua filha no fim de semana, ou se você pagar uma babá. O fato de você ter uma filha não se torna um “porém” quando uma garota se interessa por você, com certeza você não vai perder pretendentes por causa disso. Você falar em uma entrevista de emprego que tem uma filha, não será um problema porque, além de ela morar comigo, sou eu quem a levará ao hospital quando necessário, e serei eu quem estará presente em reuniões de pais na escola. Então está tudo bem para você, e eu não que-

ro que a minha insegurança feminina atrapalhe a sua vida perfeita com os seus amigos. Sou apenas um detalhe, uma adversidade. Tchau.

– Peço desculpas por não poder neutralizar tudo o que você está sentindo, um beijo.

Eu sei que tudo isso já era previsto, mas saber o que está acontecendo pode acabar de vez com a minha esperança. O que me consola é a certeza de que o Fabrício vai ser um pai presente.

Chorei muito após me deitar. Aliás, tenho feito muito isso, mas não acho tão ruim porque no dia seguinte eu consigo levantar e enfrentar o dia. Consigo enfrentar os enjoos, os olhares que me julgam, o colégio e o fato de saber que minha linda filha também vai enfrentar o mundo cruel em que vivemos. O que eu não consigo enfrentar muito bem é a saudade do Fabrício, e a lembrança dos nossos momentos juntos.

Ouvindo: *Since I Don't have You*, Guns 'n' Roses

* * *

Samantha gosta de uma série literária chamada *As Crônicas Saxônicas*, do Bernard Cornwell. A história começa no ano de 872 e fala das invasões vikings no que hoje é a Inglaterra. O protagonista da saga, Uhtred, sempre diz a seguinte frase: “O destino é inexorável”.

“Inexorável” é algo como cruel, rígido ou implacável.

Agora eu sei que não somente o meu destino, mas o dela também é inexorável.

A Samantha é filha de pais separados e os problemas começam por aí. Não pelo divórcio, mas pelas circunstâncias. Antes dos pais se separarem os três viviam juntos e felizes. Mas, por morarem em um bairro vizinho, os avós maternos da minha amiga se intrometiam constantemente na vida da filha. A Laura, mãe da Samantha, é filha única e muito influenciada pelos pais. O Otávio, no papel de pai e de marido, ficava sempre muito insatisfeito com isso e, para sua alegria, recebeu uma promoção no trabalho quando Samantha tinha 8 anos, mas isso incluía a mudança para sua terra-natal, Santa Catarina. Não havia felicidade maior, ele voltaria para cidade onde nasceu e sua esposa e filha ficariam longe das opiniões desnecessárias dos sogros. Seu casamento deixaria de ser formado por quatro pessoas e, finalmente, passaria a ser formado por duas.

Laura gostou da notícia. Ela tem uma loja de roupas para bebês e começou a pensar em transferi-la para o futuro lar ou, até mesmo, abrir uma segunda unidade por lá, mantendo a de São Paulo sob a supervisão de uma funcionária de confiança.

Mas nem tudo são flores. Os avós de Samantha não gostaram da ideia e não fizeram a menor questão de disfarçar. Fizeram drama dizendo que ficariam longe da única filha e

da única neta que possuem; alegaram que essa atitude remete a uma profunda ingratidão e que não esperavam isso de Laura, que praticamente passou por uma lavagem cerebral.

Pouco depois de falar sobre a novidade com os pais, ficou em dúvida se deveria mesmo passar por toda essa mudança com a filha pequena. Otávio insistiu para que comessem uma nova vida, mas Laura não quis. Ele comunicou que se a esposa não fosse com ele para Santa Catarina, o casamento estaria acabado e, apesar de amar o marido e ter muita vontade de estar ao lado dele nessa nova fase, ela preferiu ouvir os pais novamente, sacrificando seu casamento. Otávio ficou devastado, mas seguiu em frente.

Com isso, Samantha mudou para a casa dos avós ao lado da mãe. Aos 10 anos, começou jogar vôlei no colégio e pegou o jeito para o esporte muito facilmente, mas nunca recebeu nenhum incentivo ou apoio da mãe ou dos avós. Quando, aos 13 anos, manifestou vontade em seguir carreira como atleta, os avós tiveram uma reação pior do que ela esperava:

– Onde já se viu... Uma garota de família, com acesso a um bom colégio, com liberdade para escolher entre tantas opções que dão futuro, como advogada ou médica, vai querer ficar usando shortinho colado e jogando bola? Quem coloca essas coisas na sua cabeça, minha filha? – perguntou seu avô.

– Não existe profissão mais bonita para a mulher como a de secretária. Mostra que a mulher tem postura, disciplina e responsabilidade. Quer mais indícios de ser uma boa espo-

sa do que esses? Tenho certeza de que sendo secretária você vai conseguir um bom casamento – complementou sua avó.

– Mas eu não quero um bom casamento. Na verdade, não sei nem se eu quero um casamento. O que eu sei é que eu quero jogar vôlei, e todo mundo no colégio vê que eu jogo bem.

A mãe se tornou omissa e não opina em nada relacionado à filha, parece nunca ter superado o divórcio e a situação piorou ainda mais depois que Otávio casou de novo, seis anos após sua volta para Santa Catarina. Ele apoia cada plano de Samantha, inscreve a filha nos campeonatos que ela quer, assiste a cada jogo e é por isso que ela sempre viaja para a casa do pai nas férias, ou nos feriados prolongados. Em Florianópolis ela participa de campeonatos de vôlei de praia (apesar de querer seguir carreira nas quadras), e até faz parte de um canal de vídeos na web sobre o esporte.

Ontem, quando Samantha voltava do treino, um carro em alta velocidade passou no farol vermelho e a atropelou na faixa de pedestres.

Ela não corre risco de morte, mas teve a perna esquerda quebrada em três partes. Sabe o que acontece agora com o sonho de jogar vôlei? Vai para o ralo. Mesmo que a recuperação não fosse demorar meses, que é o que vai acontecer, a Samantha vai perder um campeonato no mês de setembro, em Florianópolis. Ela se ausentaria do colégio por uma semana, já estava tudo combinado.

Como se não fosse o bastante, há a possibilidade de ela passar a mancar. Ou seja, adeus para sempre, vôlei.

Jéssica e eu a visitamos hoje no hospital. Fisicamente ela não está mal, considerando a gravidade do acidente (ela foi arremessada por alguns metros). Mas só de olhar seu rosto dá para perceber a tristeza que ela está sentindo. Doeu na alma quando vi aqueles olhos sem brilho algum.

Seu pai já veio para São Paulo e estava no hospital quando fomos vê-la. Ele também está acabado, pois sabe que o sonho da filha já era e, com isso, parte da alegria dele também se foi.

O destino é inexorável.

* * *

Para tudo!!!

O Paulo me ligou, perguntou se eu gostaria de ir amanhã (domingo) ao parque, onde nos encontramos no fim de semana passado. Não esperava o convite, fui pega totalmente de surpresa. Conversamos um pouco sobre outros assuntos e acabei aceitando.

Será que vai parecer que estou me aproximando dele “por vingança”, ou para fazer ciúmes para o Fabrício? Eu detestaria dar essa impressão, mas também não acho certo me esquivar e deixar de fazer novas amizades. Que culpa eu tenho do Paulo ser irmão da Agatha?

Enfim, ele prometeu levar o Tuti e vai passar aqui em casa para me buscar.

Este nervosismo que estou sentindo é permitido? As mudanças pelas quais passei nos últimos meses ainda me impressionam.

Minha irmã disse que eu não devo deixar de fazer um novo amigo, já que gosto tanto da companhia do Paulo. Mas que devo ficar atenta ao que ele pode estar esperando, além de suspeitar do que a Sofia deve sentir por ele. Sim, cada vez mais eu tenho a impressão de que ela gosta do amigo.

* * *

A Samantha saiu do hospital ontem e eu fui visitá-la com a Jéssica. Por coincidência, o Davi estava lá, ele e a Jéssica não entenderam nada no começo. O rápido diálogo incluiu uma reação agressiva por parte de Jéssica, que questionou:

– Ah, o fora que eu levei foi por você ter conhecido minha amiga? Você devia ter me dito antes, não precisava maquiagem a realidade com aquele papo de “Ah, não tem química”...

Aí, a Samantha teve que intervir.

– Jé, sei que você conhece o Davi... Nós nos conhecemos em um jogo de vôlei no parque Ibirapuera. Davi, eu sou amiga da Jéssica, com quem você ficou há alguns meses. Quando você falou que conhecia uma garota do mesmo

colégio em que eu estudo, eu desconfiei que se tratasse da Jéssica, porque ela me falou sobre você.

O Davi ficou um pouco sem graça, mas superou logo. A Jéssica ficou mais cinco minutos no quarto e depois saiu, com a desculpa de que queria um pouco de água. Não prolongamos muito a visita e voltamos juntas para casa.

No caminho, percebi que a Jéssica estava muito chateada e tentei consertar as coisas:

– Jé, eu sei que deve estar sendo muito difícil para você, mas a Samantha comentou comigo que conheceu o Davi. Não contamos nada a você porque é recente, e nem ela sabe aonde isso vai dar. Até o dia do acidente, eles não tinham ficado.

– Tudo bem... Eu sabia que ele não ia ficar muito tempo sozinho, ele é interessante demais para isso, só não imaginei que seria com alguém tão próximo. É difícil quando esfregam na sua cara sempre que você não é atraente intelectualmente, sabe?

– Do que você está falando?

– Eu não me acho feia, mas sei que não sou linda e maravilhosa, digamos que eu seja “arrumadinha” e não tenho problemas com isso. A Samantha atrai os olhares com muita facilidade, afinal tem aqueles cachos loiros que são lindos e um par de olhos azuis hipnotizante. Além de ser simpática e ter tudo em cima, por conta dos exercícios físicos que faz com frequência. Isso também não me inco-

moda, Mi. O que acaba comigo é saber que eu devo ser mesmo um tédio, que não tenho absolutamente nada de interessante para passar para alguém, e não saber se um dia isso vai mudar.

– Por favor, Jéssica. De onde vem tudo isso? Você é praticamente uma especialista em literatura inglesa, conhece uma infinidade de bons filmes, domina a história do teatro... Como você pode se achar pouco interessante?

– Eu conheço isso tudo porque eu gosto, então me informar a respeito é diversão e entretenimento para mim. Eu não sei conversar sobre política, conheço poucos esportes, não nasci para a área de exatas e não saberia conversar nem mesmo sobre turismo.

– Tá, e daí? O sentimento depende dessas coisas para nascer?

– Não depende, Mi, mas a admiração sim. E não existe amor sem admiração.

Não soube como argumentar e continuar, então o assunto morreu ali. Mas fiquei pensando a respeito... Será mesmo?

* * *

Fui ao parque com o Paulo e, devo dizer, às vezes fico confusa ao tentar entender suas intenções. Ele é sempre muito fofo e educado comigo, mas vejo que trata a Sofia da mesma maneira. A propósito, ela também foi. Continuo

acreditando que ela gosta dele, e não sei o que os impede de ficarem juntos. Ela é meiga e tem um jeito de moleca que eu acho um charme, sem contar que fica encantada sempre que olha para ele.

O Tullio também foi e perguntou pela Jéssica. Eu não sei o que fazer para ajudá-la a sair dessa, minha mãe disse que a baixa autoestima é difícil de ser “solucionada”, e depende de cada um.

Enquanto isso, o Davi segue acompanhando a recuperação da Samantha de perto. Ela me disse que não rolou nada, principalmente porque não tem clima com a perna quebrada, mas que é óbvio que eles vão acabar ficando quando ela estiver recuperada. O maior problema em relação a isso é o avô dela que é racista, e não faz a menor questão de disfarçar ou de tratar o rapaz com educação. O Davi deve gostar mesmo dela.

Setembro de 2011

Foi tudo muito estranho, muito rápido e quase não sei explicar. Eu estava com 30 semanas de gravidez, acordei naquele sábado com uma saudade inexplicável do Fabrício. Sentia saudade desde que terminamos, mas naquela manhã era diferente. Era mais profunda e emergencial. Enrolei durante o

dia, mas no final da tarde eu não aguentei e liguei para ele. Disse que estava com saudade, que meu peito doía e que queria o pai da minha filha perto de mim. Pedi desculpas pela minha grosseria, por não demonstrar a confiança que ele merece. Eu não estava preparada para tanta ternura em sua voz, percebi que a voz dele estava diferente e que começou a chorar, antes mesmo de eu terminar de falar.

– Meu amor, você não sabe como sonhei com essa ligação. Por favor, me perdoe por não te mostrar como eu te amo, como quero você do meu lado e que está cada vez mais difícil ficar longe de você e da Raquel. Quero te ver, quero te beijar e dizer no seu ouvido que eu te amo.

– Por favor, não peça desculpas por nada. Apenas venha e me abrace, não aguento mais de tanta saudade. Onde você está?

– Estou saindo da casa do Fábio, estou com o carro do Matheus, vou praí agora te abraçar. Devo chegar em meia hora. Promete que vai me esperar com os braços abertos?

– Os braços e o coração. Vem logo, estou te esperando.

O tempo foi passando e a ansiedade só aumentava. O Fabrício começou a demorar, e eu a ficar inquieta. Quarenta e cinco minutos, uma hora... Eu não aguentava mais. Quando ia ligar novamente, dei um grito de dor. Senti uma pontada na barriga, nunca havia sentido uma dor como aquela. Minha mãe correu para ver o que estava acontecendo, eu só conseguia segurar a barriga e gritar desesperadamente. Ela chamou o meu pai e disse:

– Pro hospital agora! Vamos!

– O Fabrício, mãe! Avisa o Fabrício para ele ir para lá, ele está vindo pra cá! Avisa ele, mãe!

– Eu ligo para ele do carro, filha! Vamos, vamos!

No caminho para o hospital, ela tentou ligar o tempo todo para ele, mas ninguém atendeu o celular. Não lembro de quase nada depois que cheguei lá, apenas de uns flashes. Lembro de algumas coisas do parto, como gritar com toda a minha força. Lembro perfeitamente de quando colocaram a minha filha nos meus braços pela primeira vez, e de sentir seu cheiro e de perguntar o tempo todo pelo seu pai. Lembro de quando me disseram que a Raquel é uma criança perfeita e saudável, mas que precisaria ficar algumas semanas no hospital na incubadora, o que eu já imaginava. Saber que ela não tinha Down foi incrível, como se todos os problemas do mundo estivessem resolvidos. Nunca vou entender o que pode ter levado ao diagnóstico errado, mas não importa. Saber que ela não terá maiores dificuldades para interagir com outras crianças é muito mais do que eu pensei que pudesse acontecer. Não sei se chorei mais ao vê-la pela primeira vez, ou quando soube que ela não tem Síndrome de Down. Parecia muita felicidade para um dia só.

Algumas horas depois, minha mãe entrou no quarto. Percebi que ela estava sem jeito de falar comigo e perguntei se alguém tinha conseguido falar com o Fabrício.

– Filha, não consegui falar com o Fabrício, mas consegui falar com o Matheus.

– Com o Matheus? E ele falou com o Fabrício? Ele tem que vir conhecer a filha, mãe! Ele deve estar na porta de casa tocando a campainha – vi que minha mãe começou a chorar.

– Meu amor, você precisa ser forte por você e pela Raquel.

– Como assim? Você está me deixando preocupada.

– Houve um assalto, Mi. Estavam o Fabrício e uma amiga da faculdade no carro. A moça está no hospital porque foi baleada...

– Assalto? Onde, mãe? E o Fabrício? Cadê ele? – foi então que o mundo desabou na minha cabeça.

– Filha, ele levou um tiro na cabeça, morreu na hora.

– Não, mãe... – entrei em desespero – Por que você está me falando essas coisas? Cadê o Fabrício? Ele tem que conhecer a filha, ele tem que saber que ela não tem Down. Mãe, cadê ele?

Outubro de 2011

A Agatha ficou três meses em coma. Acordou há duas semanas um pouco confusa. Eu tive vontade de visitá-la no hospital para saber como tudo ocorreu, mas consegui me conter. Depois de recobrar a consciência, ela ficou mais al-

guns dias internada. Nenhuma de nós duas pudemos comparecer ao enterro do Fabrício, pois ela estava em coma e eu me recuperava do parto.

Pouco depois que ela voltou para casa, recebi um telefonema do Paulo. Ele me disse que a irmã gostaria de conversar comigo, e queria saber se eu topava. Combinamos a visita para a tarde do dia seguinte.

Foi duro vê-la depois de tudo. Ela continuava muito bonita mesmo sem batom nos lábios e delineador nos olhos, mas muita coisa se perdeu. Naturalmente, ela ainda estava muito abalada. O Paulo deixou-a aqui em casa e me avisou que quando ela quisesse ir embora, era só ligar para o pai deles. Eu tentei recebê-la bem, mas foi difícil segurar as lágrimas ao ver a última pessoa que esteve com o Fabrício.

Começamos, então, uma das conversas mais difíceis da minha vida.

– Mirella, antes de qualquer coisa, eu gostaria de te agradecer por me receber em sua casa; e dizer que o Fabrício era completamente apaixonado por você. Pode parecer estranho, mas para te explicar tudo o que ocorreu, vou precisar falar um pouco de mim.

– Tudo bem, Agatha. Pode falar.

– Sempre gostei de garotos. Meu primeiro beijo foi aos 13 anos, com um garoto do colégio que tinha 16, o Lucas. Namorei alguns, mas nada sério. Quando eu tinha 15 anos fui uma das debutantes da festa de uma amiga da escola,

a Marina. Na festa, eu conheci uma moça ruiva, cheia de charme. O que senti na ocasião foi muito estranho para mim, porque foi uma atração instantânea, que parecia ser correspondida. Fomos para um canto mais afastado, conversamos por horas e nos beijamos apaixonadamente; foi lindo, eu me sentia nas nuvens. Fui embora apaixonada e nunca mais tornei a ver aquela garota, até o início das aulas na faculdade. Eu nunca contei para ninguém o que aconteceu naquela festa, nem mesmo para as minhas amigas mais próximas. Não tenho absolutamente nada contra homossexuais, mas percebo que quando é a gente quem precisa enfrentar o preconceito do mundo, as coisas ficam diferentes. Dá medo, mas não foi só por isso que eu nunca comentei nada com ninguém, é que eu mesma não entendi bem o que aconteceu. Eu sinto atração por homens, mas por aquela garota foi algo diferente. Não foi apenas uma atração física, e eu não voltei a sentir algo assim por mais ninguém, homem ou mulher. Pois então, no primeiro dia de aula na faculdade, meu irmão me apresentou para a colega de classe dele, Sofia, a ruiva cheia de charme da festa da minha amiga.

– Peraí... A Sofia, amiga do Paulo, é a moça com quem você ficou na festa da sua amiga?

– Sim. Ela e o Tullio estudaram por 3 semestres em Campinas, onde moravam. Vieram para São Paulo ano passado, quando o pai deles informou que a família se mudaria por causa de uma promoção que ele recebeu no trabalho.

Eles se transferiram para a faculdade daqui um semestre antes do Fabrício e eu ingressarmos, e conheceram meu irmão. O Paulo mencionou algumas vezes o nome Sofia, mas eu jamais ia imaginar que se tratava da mesma garota. Eu fiquei meio sem jeito quando ele nos apresentou, depois tentei uma conversa particular, e abri meu coração. Disse que pensei nela todo esse tempo, que não conseguia tirar aquele beijo da minha cabeça e todas aquelas besteiras que você vê em filmes românticos.

– E ela?

– Ela... Pediu desculpas, disse que estava apaixonada pelo meu irmão e que o que aconteceu na festa foi apenas um episódio, sem grandes consequências. Eu nunca acreditei muito nisso, sabe? Eles estão sempre juntos e eu nunca identifiquei qualquer investida por parte dela ou dele, eu tenho a impressão de que ela tem receio de assumir que sente ou sentiu algo por uma garota. Enfim... Ouvir da boca dela que o que tivemos foi um episódio sem importância, foi como se alguém me sufocasse com meus próprios sentimentos. No desespero corri para o banheiro, não queria que o Paulo me visse chorando, mas entrei no banheiro masculino por engano. Nem percebi, pois não tinha ninguém quando eu entrei, e fui direto para uma das cabines. Me tranquei e comecei a chorar desesperadamente. Foi aí que o Fabrício, que não sabia de nada do que estava acontecendo, entrou no banheiro e me ouviu chorando. Ele ficou preocupado

porque era dia de trote, e pensou que algum rapaz pudesse ter abusado de mim. Aos poucos, ele me acalmou e conversamos bastante. A partir daquele dia, o Fabrício era quase um irmão para mim. Somente ele sabia do que houve entre a Sofia e eu, e tudo o que sinto por ela. Eu pedi, implorei, para que ele jamais contasse a alguém, e ele honrou o meu pedido até o fim. No dia do assalto, tínhamos ido à casa do Fábio para trabalhar no nosso projeto do semestre seguinte. Você ligou quando estávamos saindo e vi que o Fabrício começou a chorar ao ouvir a sua voz. Quando ele respondeu dizendo que viria te ver eu fiquei feliz, porque percebi que vocês iam voltar. No caminho, tomei a liberdade de perguntar qual foi o motivo de término entre vocês, já que nunca entendi direito o que aconteceu, e ele me contou do ciúme que você sentia. Na hora eu dei uma bronca nele, disse que não era para ter permitido que isso acontecesse, mas ele argumentou dizendo que era a minha intimidade e que, de qualquer maneira, ele esperava a sua confiança, independente das circunstâncias. Ele estava empolgado, sabe? Sentia a sua falta e de acompanhar a gravidez. Quando paramos em um semáforo, uma moto com dois rapazes parou ao lado esquerdo do carro, o garupa anunciou o assalto apontando a arma pra janela. Fabrício me pediu para ficar calma e abaixou o vidro – a voz dela ficou mais baixa – O bandido disse para deixarmos tudo e sairmos do carro. O Fabrício não reagiu e, quando foi tirar o cinto de segurança, prova-

velmente o assaltante pensou que ele fosse sacar uma arma, porque atirou na cabeça dele na minha frente – ela começou a chorar. – Eu nunca vou esquecer aquela cena. Entrei em desespero e comecei a gritar, por isso levei o tiro que pegou no pulmão direito. Mirella, se eu pudesse, trocaria de lugar com o Fabrício dez vezes. Ele era meu amigo, ia ser pai, era uma pessoa sensacional e não merecia ter morrido assim.

Eu mal podia acreditar em tudo aquilo que ouvi. Os meses separados e a crise de ciúmes foram desnecessários, foi tempo perdido. Até mesmo a discussão no dia em que fomos ao karaokê. A Agatha me disse que ela estava olhando e cantando para Sofia, que estava do lado do Fabrício. Se ele olhava pra Agatha, era porque estava impressionado com sua tentativa de sedução.

Ouvindo: *Closing Time*, Semisonic

Julho de 2015

Hoje a Raquel está completando 4 anos. Quase não acredito que ela já tem essa idade; lembro dos meses de angústia durante os quais pensei que ela teria Down. Vê-la sorrir, sem que eu precise me preocupar com detalhes que eu listei naquele período terrível, me traz uma alegria imensa. Ao mesmo tempo, acreditar que minha filha precisaria enfren-

tar tudo aquilo me abriu os olhos e os da minha família. Minha mãe passou a fazer parte de uma ONG que auxilia crianças com essa condição, e meu pai passou a integrar um grupo de professores aptos a ensinar alunos do ensino médio com Down.

É necessário afirmar que muitas vezes não damos a devida importância ao próximo, até que nos vemos na situação de quem precisa ser visto. Mas, prefiro acreditar que nem tudo está perdido; afinal, quando se tem filhos, é bom crer em um mundo melhor para se viver.

Acho que estou criando a Raquel muito bem. Ela é amada por todos com quem vive, e os avós paternos também são muito presentes. A Márcia ficou desolada com a morte do Fabrício, claro, mas tenho a impressão de que a Raquel deu um novo ânimo a ela. A vida pode ser muito triste com alguns: ela perdeu o primeiro marido por causa do câncer, e seu filho mais velho morreu aos 18 anos devido à violência, tão banalizada atualmente. Eu a admiro, não sei se teria toda aquela alegria que ela tem no olhar, mas só sabemos da força que temos quando é necessário usá-la.

A Samantha, por exemplo, precisou ser forte e desistir do sonho de jogar vôlei profissionalmente. Ela se recuperou bem e conseguiu, graças aos trabalhos que fez em casa, se formar no mesmo ano do acidente. Não manca, mas sua maneira de andar mudou. Com todo o apoio que recebeu do pai, que ficou em São Paulo até Samantha se recuperar,

ela preferiu mudar para Florianópolis e morar com ele e a madrasta. Sua mãe, infelizmente, continua sob a influência egoísta dos pais, mas Samantha ainda não desistiu de acabar com isso. O Davi terminou a faculdade no ano seguinte, em 2012, e também mudou para Florianópolis, aproveitando que sua mãe e a Samantha, agora sua namorada, moram na mesma cidade. Ele já está, aos poucos, colocando em prática a ideia de montar a própria escolinha de futebol, enquanto a namorada está prestes a se formar em Jornalismo, e pretende começar em seguida a pós-graduação em Jornalismo Esportivo. Fico imensamente feliz por ela, que conseguiu superar o drama do sonho destruído, se recompor e continuar seguindo em frente muito feliz.

Já a Jéssica parece não ter a força necessária para passar por situações difíceis, mas tem se saído bem em seguir com a própria vida. Excluiu o perfil de todas as redes sociais, não se propõe nem mesmo a ter um celular com acesso à internet, mas continuamos próximas e sempre vamos ao parque aos domingos de manhã, agora com a Raquel. Ela escolheu cursar Biblioteconomia, e faz estágio na própria instituição em que estuda. Vai se formar ainda este ano e está muito feliz com isso, mas nunca mais a vi interessada em qualquer garoto. Ela prefere gastar seu tempo livre lendo e levou para a faculdade o clube do livro, que rendeu um blog com acessos frequentes. Eu acho ótimo, e é uma maneira de ela não ficar tão por fora da

internet; até fez um perfil do blog no Twitter e usa isso para atrair mais seguidores.

A Agatha desistiu da Engenharia por vários motivos. Percebeu que precisa de algo que a faça estar mais próxima de pessoas, por isso escolheu o curso de Ciências Sociais, que deve concluir ano que vem. Ficamos bastante próximas; ela continua muito bonita, mas já não tem longos cabelos, prefere um corte chanel, e não voltou a usar o batom vermelho, que ficava tão bem nela, nem o delineador nos olhos. Tudo isso é um reflexo do trauma que sofreu pelo assalto, por ter sido baleada, por ver o amigo morrer e por não conseguir manter a relação que queria com Sofia. Apesar de tudo, é muito bom ela ter se “reinventado” e encontrado um novo caminho a seguir. Está cheia de planos, e eu acredito que todos eles serão alcançados.

Já que eu mencionei a Sofia, é bom contar que ela e o Paulo continuam amigos (acho que ele nunca notou o interesse amoroso por parte dela), e estão na produção do primeiro longa-metragem de suas vidas. Ela ainda mantém o blog, que eu acho incrível. Se não fosse por ele, eu já teria deixado passar vários filmes que acho sensacionais.

Paulo e eu continuamos amigos, mas um pouco mais afastados por conta da nossa falta de tempo livre. Sempre que pode, ele me convida para ir a alguma pré-estreia com ele e a Sofia.

Quanto a mim... Bom, tudo ainda é muito difícil, mas que graça teria a vida sem obstáculos?

Não concluí o ensino médio naquele ano, não tinha condições psicológicas para isso. Além da morte do Fabrício, tive que lidar com a Raquel, que ficou mais de um mês no hospital por ter nascido antes do previsto. Mas isso foi o de menos, porque quando comecei novamente o último ano, ela tinha apenas 7 meses, contudo insisti e consegui concluir.

Depois disso, fiquei 2 anos sem estudar, porque queria ficar mais tempo com a Raquel e estava ansiosa para começar a ganhar meu próprio dinheiro, não somente fazendo trufas. Passei a fazer bolos para vender e, com o tempo, comecei a receber encomendas, inclusive de bolos para festa. Agora faço bolos, doces e trufas, que vendo para cinco estabelecimentos diferentes.

Isso tudo é ótimo porque me permite trabalhar em casa, apesar de exigir dedicação e disciplina. Eu não preciso ficar longe da Raquel e, no caso de alguma emergência, estarei disponível. Levanto cedo e já começo a produção.

Ano passado, meus pais se juntaram com o Matheus e a Márcia e compraram um carro para mim. Não é um zero quilômetro, nem supermoderno, mas é ótimo para eu levar a Raquel até a escolinha depois do almoço (sim, minha garotinha já frequenta a escolinha) e ir para a faculdade.

À noite, vou para aula. No mês que vem devo começar o segundo semestre de Gastronomia. Sim, eu também me reinventei. Percebi que fazer doces não era apenas um meio

de ganhar dinheiro, mas algo que eu faço por prazer e pelo que realmente me interessa.

Estou gostando muito das aulas, dos colegas de classe, dos professores e de aprender mais a respeito do que eu gosto de fazer. Tenho grandes planos para o meu futuro profissional, e acredito que conseguirei alcançá-los.

Mas, a melhor parte da minha vida, com certeza, é ver o sorriso da Raquel. O diagnóstico errado de que ela teria Down me deixou cheia de incertezas, mas não tenho do que reclamar. Ela é uma criança cheia de vida, adorável e muito esperta.

O que dói em mim é a saudade do Fabrício. Eu fiquei com um rapaz ano passado, mas não estávamos em sintonia. Acho que voltarei a me apaixonar um dia e ser correspondida, mas é devastador quando lembro que ficamos os últimos meses de sua vida separados, porque eu imaginei diversas coisas.

O primeiro filme que assisti depois que a Raquel nasceu foi *Não Me Abandone Jamais*. Gostei muito, apesar de achá-lo bastante triste, tem a ver com clonagem humana e amor. No final, há uma belíssima reflexão sobre o tempo. Foi aí que eu confirmei que os meses separados do Fabrício se resumem a um tempo perdido. Sou grata por tudo o que vivemos juntos, mas perceber que joguei fora seus últimos meses sempre me deixa muito triste.

O nascimento da Raquel coincidir com a morte do pai sempre causa uma confusão de emoções. No primeiro ano, eu

pensei em não fazer festinha de aniversário, mas a Márcia me convenceu a não privar minha filha de uma comemoração por causa de algo de que ela não tem culpa. A Agatha não compareceu a primeira festinha, mas veio nas outras e acredito que venha na de hoje também, que começa daqui a pouco.

O que me resta é tentar ser feliz. Nem sempre eu consigo, mas não desisto. Se devemos aprender algo com cada experiência que temos na vida, eu estou fazendo a minha parte e aproveitando as oportunidades dadas a mim. Quando a saudade do Fabrício aperta, eu vou para o meu quarto e ouço a nossa música várias vezes consecutivas, até meu coração ficar mais leve, e eu conseguir continuar a fazer o que estava fazendo. Agora eu sei que é complicado contar com o “para sempre”, então usufruo dos prazeres das pequenas coisas e da companhia de pessoas agradáveis.

No que depender de mim, não haverá mais tempo perdido.

Ouvindo: *Amor Pra Recomeçar*, Frejat

* * *

NOTA: A autora não tem conhecimento da visita do cineasta Jean-Pierre Améris a São Paulo na ocasião do lançamento de seu filme, *Românticos Anônimos*.



Informações sobre os filmes mencionados

- 01) *Piratas do Rock*, 2009, direção: Richard Curtis (página 16)
- 02) *A Rede Social*, 2010, direção: David Fincher (página 16)
- 03) *Transformers: A Vingança dos Derrotados*, 2009, direção: Michael Bay (página 17)
- 04) *O Quarto Poder*, 1997, direção: Costa-Gavras (página 17)
- 05) *A Montanha dos Sete Abutres*, 1951, direção: Billy Wilder (página 17)
- 06) *(500) Dias Com Ela*, 2009, direção: Marc Webb (página 17)
- 07) *Amor Sem Escalas*, 2009, direção: Jason Reitman (página 17)
- 08) *Apenas Uma Vez*, 2007, direção: John Carney (página 21)
- 09) *Meninas*, 2006, direção: Sandra Werneck (página 28)
- 10) *Juno*, 2007, direção: Jason Reitman (página 28)
- 11) *Caindo na Real*, 1994, direção: Ben Stiller (página 32)
- 12) *Garota, Interrompida*, 1999, direção: James Mangold (página 34)
- 13) Minissérie *Os Pilares da Terra*, 2010/2011, direção: Sergio Mimica-Gez-zan (página 36)
- 14) *Confiar*, 2010, direção: David Schwimmer (página 36)
- 15) *Preciosa – Uma História de Esperança*, 2009, direção: Lee Daniels (página 47)
- 16) *A Rosa Púrpura do Cairo*, 1985, direção: Woody Allen (página 52)
- 17) *As Bicicletas de Belleville*, 2003, direção: Sylvain Chomet (página 68)
- 18) *Ninguém Pode Saber*, 2004, direção: Hirokazu Koreeda (página 72)
- 19) *Como Arrasar um Coração*, 2010, direção: Pascal Chaumeil (página 79)
- 20) *Românticos Anônimos*, 2010, direção: Jean-Pierre Améris (página 87)
- 21) *Não me Abandone Jamais*, 2010, direção: Mark Romanek (página 117)



Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro na primavera de 2016 para Círculo das Artes.

"Que os bons ventos o espalhe para os quatro cantos deste planeta."